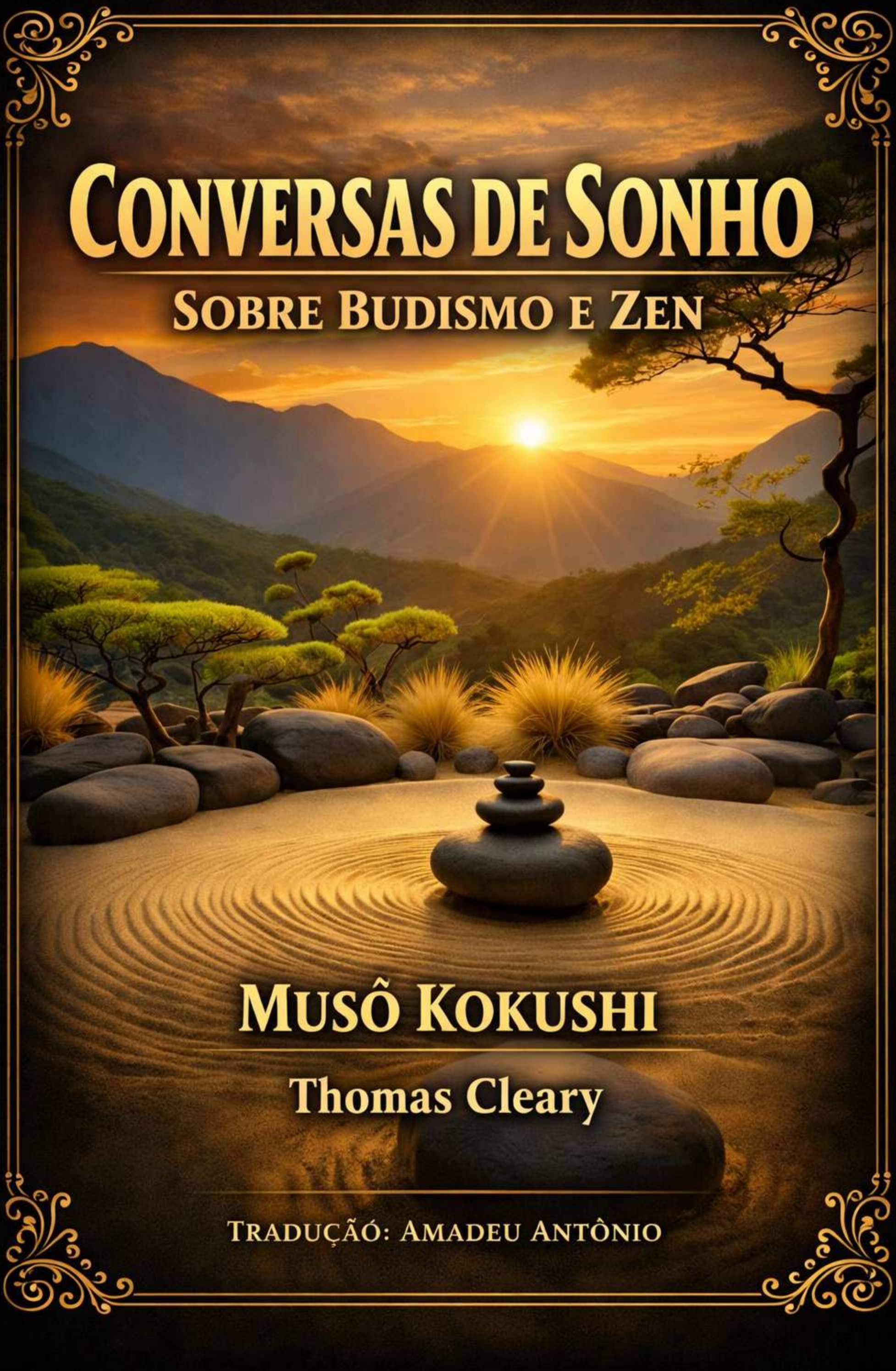
Conversas de Sonho

Sobre Budismo e Zen



Musô Kokushi

Thomas Cleary

Tradução: Amadeu Antônio

CONVERSAS DE SONHO SOBRE BUDISMO E ZEN

MUSŌ KOKUSHI
Thomas Cleary, 2014

SOBRE O LIVRO

Conversas de Sonho é uma coleção das respostas escritas de um renomado mestre japonês a questões sobre a verdadeira natureza do Zen. Em ensinamentos breves e expressos de forma simples, Musō Kokushi (1275–1351), também conhecido como Musō Soseki, expõe equívocos comuns com uma clareza sem precedentes, oferecendo perceções psicológicas concebidas para conduzir o leitor às profundezas da autêntica experiência Zen. Estes ensinamentos incisivos serão especialmente valiosos para os estudantes de Zen da atualidade, à medida que lutam com a sua própria confusão e incompreensões acerca do verdadeiro caminho do Zen.

THOMAS CLEARY possui um doutoramento em Línguas e Civilizações do Leste Asiático pela Universidade de Harvard e um doutoramento em Direito pela Universidade da Califórnia, Berkeley, Boalt Hall School of Law. É tradutor de mais de cinquenta volumes de textos budistas, taoistas, confucionistas e islâmicos a partir do sânscrito, chinês, japonês, pali e árabe.

Índice

Introdução do Tradutor
Libertação
Compaixão
Objectivo na Vida
Passado, Presente e Futuro
Causas
Iluminação e Sentimentos
Contaminação da Virtude
O Tesouro Inesgotável do Potencial
Ganância
Ajuda Disfarçada
Resposta à Oração
Piedade
O Benefício Central do Zen
Virtude sem Sabedoria

Instituições Religiosas e Seculares
O Fundamento da Mente
Demónios
Má Prática Espiritual
Prática Religiosa que Obstrui a Iluminação
Possessão
Meditação e Loucura
Aplacar Demónios
Atravessar a Experiência da Morte
Aversão e Apego
Conhecimento Inerente
Superação
Aprendizagem Escolástica
Tipos de Conhecimento
Práticas e Estádios
Abordagem Errada
Equívocos Padronizados
Meios e Fim
Compreender o Kōan Zen
O Fundamental
Medicina e Doença
Conselho Especializado
Dois Tipos de Conhecimento
A Prioridade do Conhecimento Fundamental
A Base e os Desenvolvimentos
Auto-Realização e Ensinar os Outros
Intenção e Expressão
Maturação
Zen Vivo
Estabilização da Base
Realização e Preservação
Expressão Zen
Estudar a Expressão
Estudar a Intenção
Alcance do Método
Técnicas Zen
Eruditos Hipócritas

Aplicação Prática
Aspiração à Iluminação
Sentimentos Mundanos
Suavizar os Sentimentos Mundanos
Sem Caminho Definido
Trabalhar o Fundamental
Não Esquecer
Sonhos e Ilusões
Pôr de Lado Também é um Meio
Não Julgar os Outros
O Eu Original
Abordagens Erradas
Efeitos do Budismo
Orientação
Meditação Zen
Nem Mesmo Mente
Aplicação Mental sem Mente
Não Fugir do Assunto
Julgar as Palavras dos Adeptos
Maravilhamento
Kōans
Não Está nas Palavras
As Origens da Prática dos Kōans
Actividade e Meditação
A Razão para Ensinar o Desapego
Ajustamento ao Indivíduo
Paisagismo
Zen, Chá e as Artes
Poderes Supranormais dos Iluminados
Deixar Ir
O Fundamento Fundamental
Natureza Búdica
Onde Está?
Alcançar o Fundamento Fundamental
Mente e Eu
Mente Verdadeira e Falsa
Duas Bases

A Mente Condicionada e a Mente Natural
Mente e Essência
Irrealidade e Realidade nas Coisas
Visões Comuns e Espirituais
Distinções no Ensinamento Budista
As Escolas do Zen
Louvor e Censura no Zen
Ensinamentos Expedientes
Zen e Doutrina
Budismo da Terra Pura
Especialização
Louvor Zen, Crítica Zen
Agudeza e Lentidão
Meditação Zen
Julgar Mestres e Ensinamentos

Introdução do Tradutor

Há oitocentos anos, a história da nação e do povo japonês foi alterada para sempre. Impaciente com uma aristocracia decadente, autocentrada e enfraquecida, a elite militar da classe superior estabeleceu o seu próprio paragoverno central, inaugurando assim uma série de regimes marciais que manteriam o Japão sob domínio durante os séculos seguintes.

Estabelecendo o seu governo em Kamakura, a centenas de milhas da antiga capital imperial de Quioto, os principais senhores da guerra da nova ordem distanciaram-se também da cultura da velha aristocracia. Patrocinando o Budismo Zen e o neo-confucionismo, recentemente importados da China, o governo de Kamakura procurou revolucionar a cultura do Japão de tal modo que enfraquecesse tanto os fundamentos materiais como espirituais da antiga ordem.

Este influxo de cultura chinesa proveniente da esplêndida dinastia Sung do Sul foi reforçado no final do século XIII pela queda dessa dinastia perante o conquistador mongol Kublai Khan. Entre os refugiados chineses vindos do continente para o Japão nessa época encontravam-se pessoas de cultura e aprendizagem, incluindo até alguns mestres Zen, cordialmente acolhidos pelos líderes do governo militar.

Nem todas as reverberações dos acontecimentos contemporâneos da China foram bem-vindas no Japão. Depois de toda a China continental ter

sido tomada pelos guerreiros mongóis, Kublai lançou novas invasões para sul e para leste. Forças invasoras chegaram ao sul do Japão por mar no final da década de 1270 e início da de 1280, sendo repelidas uma vez, diz-se, por um *kamikaze* ("vento espiritual"), uma tempestade natural que defendeu a costa rochosa contra a agressão, e outra vez por uma valorosa defesa colaborativa conduzida por guerreiros heroicos vindos de todo o Japão.

Ironicamente, a salvação do Japão da invasão mongol lançou também as sementes da queda do regime militar. Segundo o costume feudal, o valor demonstrado em batalha era recompensado com concessões de terras. Contudo, tão numerosos foram os feitos ilustres dos heróis japoneses na defesa da nação contra as frotas de Kublai que não havia forma de compensar adequadamente todos eles da maneira tradicional, dadas as condições da época.

O consequente desgaste dos recursos naturais e o inevitável descontentamento de alguns clãs guerreiros ajudaram a minar a estabilidade do regime. Guerras civis acabaram por rebentar e a própria casa imperial tentou recuperar alguma autoridade dos governantes militares. Quando a poeira assentou temporariamente na década de 1330, um novo grupo de guerreiros alcançara domínio suficiente para estabelecer um novo governo militar.

Em contraste com o regime anterior, estes novos xoguns fizeram de Quioto, a antiga cidade imperial, a sua capital e procuraram desenvolver ainda mais a nova alta cultura baseada no Zen, em harmonia mais estreita com a cultura budista clássica japonesa.

O primeiro dos xoguns de Quioto foi Ashikaga Takauji. Embora a rivalidade militar e política persistisse entre o novo xogum e o seu irmão mais novo, Ashikaga Tadayoshi, ambos demonstraram maior harmonia no domínio da reconstrução e desenvolvimento cultural. Ambos os guerreiros se tornaram discípulos de Musō Soseki, um dos maiores mestres Zen japoneses da época.

Sob a influência Zen de Musō, as relações comerciais e culturais com a China foram expandidas, as doutrinas clássicas do antigo Budismo japonês foram reconciliadas com o Zen chinês e outros desenvolvimentos religiosos, e novas escolas de literatura e arte floresceram, impulsionando

assim a evolução da civilização japonesa num momento crítico da sua história política.

Este mestre Zen Musō foi professor não apenas do xogum, mas também do imperador, de quem recebeu o título honorífico de Kokushi, ou Mestre Nacional. Tão grande era, de facto, a reputação de Musō Kokushi que lhe foi atribuído esse título por vários tribunais imperiais sucessivos; incluindo honras póstumas, Musō recebeu o título Kokushi de não menos de sete imperadores.

Criado desde a infância na escola esotérica Shingon (Mantra) do Budismo japonês, Musō estudou mais tarde Zen com mestres Zen chineses e japoneses. O seu primeiro mestre Zen, I-shan I-ning, fora embaixador da China da dinastia Yuan; foi também mestre Zen de Sessōn, um dos maiores pintores da história japonesa.

O principal mestre japonês de Musō, Kohō, fora um príncipe imperial que abandonou a vida mundana para aprender Zen com Wu-hsueh Tsu-yuan, outro mestre chinês transplantado. O próprio Musō tornou-se um mestre extremamente habilidoso, formando mais de cinquenta discípulos iluminados, número bastante invulgar.

O ensinamento de Musō baseava-se amplamente no grande *Tsung Ching Lu* (*Registo do Espelho da Fonte*), uma vasta coleção chinesa de extratos do cânone budista que combinava os ensinamentos das várias escolas com a mensagem do Zen. Embora este texto abrangente ainda exista, infelizmente já não é estudado nas escolas Zen japonesas, que subsequentemente se alienaram do Budismo canónico ortodoxo e se fecharam em seitas cultuais.

Grande parte do que hoje se conhece do ensinamento do Mestre Nacional Musō encontra-se em *Muchū Mondō*, ou *Conversas de Sonho*, uma coleção das respostas escritas de Musō às questões de Ashikaga Tadayoshi acerca do Budismo e do Zen.

Escrito num estilo simples e não técnico, *Conversas de Sonho* destrói equívocos acerca do Zen com uma clareza sem precedentes, substituindo mitos comuns por perceções psicológicas fundamentais e exercícios concebidos para conduzir o indivíduo leigo às profundezas da experiência Zen.

Este volume apresenta a primeira tradução inglesa das cartas do Mestre Nacional Musō. Embora a linguagem e o estilo do texto original sejam muito fáceis para aqueles profundamente versados na cultura japonesa, parte do material trata de assuntos de preocupação estritamente local, e a dicção é frequentemente algo prolixa a fim de suavizar o impacto da farpa Zen dirigida a um líder militar de um regime feudal.

Algumas discussões, portanto, abordam questões que já não são relevantes ou estão formuladas numa terminologia própria de uma visão do mundo que já não existe no Japão e nunca existiu no Ocidente.

A maior parte dos problemas psicológicos e espirituais delineados e resolvidos neste texto são, contudo, comuns a pessoas de todas as culturas e épocas que tentam conquistar o eu e dominar a mente.

A confusão em que o Budismo moderno caiu, particularmente no Ocidente, torna os ensinamentos incisivos do mestre Zen Musō não apenas relevantes, mas críticos para a redescoberta e aplicação eficaz da tecnologia espiritual budista.

Assim, para preservar e transmitir o conteúdo efetivo do texto sem o excesso de bagagem de material ultrapassado, a preocupação desta tradução foi não apenas verter a obra para inglês, mas também extrair e apresentar a mensagem essencial de tal modo que ela não fique obscurecida pelos adornos medievais das suas origens históricas.

Conversas de Sonho

Libertação

Aqueles que procuram libertação apenas para si próprios não podem tornar-se plenamente iluminados. Embora se possa dizer que alguém que ainda não está libertado não consegue libertar os outros, o próprio processo de esquecer-se de si mesmo para ajudar os outros é, em si, libertador.

Portanto, aqueles que procuram beneficiar apenas a si mesmos prejudicam-se efetivamente ao fazê-lo, enquanto aqueles que ajudam os outros ajudam também a si próprios ao fazê-lo.

Compaixão

Existem três tipos de compaixão. Um tipo é a compaixão cujo objeto são os seres vivos enquanto tais. Outro é a compaixão cujo objeto são os

elementos. O terceiro é a compaixão sem objeto. Estes três tipos de compaixão são muito diferentes.

A compaixão cujo objeto são os seres vivos enquanto tais é a compaixão de alguém que considera os seres reais e as suas ilusões reais, desejando libertar esses seres reais das suas ilusões reais. Esta é uma compaixão sentimental, limitada pelos sentimentos. Ainda é apenas emoção e desejo, não verdadeira compaixão libertadora.

A compaixão cujo objeto são os elementos é a compaixão de alguém que vê todos os seres como produções condicionais de relações causais, como compostos de elementos que não possuem em si mesmos qualquer pessoa ou coisa real.

Esta é compaixão ilusória por seres ilusórios, usando meios ilusórios para libertar seres ilusórios de ilusões ilusórias. Embora transcenda a emoção pegajosa da compaixão sentimental, esta compaixão onírica ainda retém a imagem da ilusão, pelo que ainda não é uma compaixão verdadeiramente libertada.

Objetivo na Vida

Em última análise, não existe meio de salvaguardar seja o que for neste mundo; qualquer coisa que obtenhas pode ser perdida, destruída ou retirada.

Por essa razão, se fizeres da aquisição e retenção de bens ou estatuto o teu objetivo na vida, esse é um caminho para a ansiedade e para a tristeza.

Passado, Presente e Futuro

É uma tendência característica dos seres humanos entregarem-se a emoções como felicidade, tristeza ou raiva em resposta às condições presentes, falhando em equilibrar esses sentimentos com a consciência de que as condições presentes são resultados de causas passadas.

É ilógico enfrentar o presente apenas como objeto de prazer ou tolerância, negligenciando usá-lo como oportunidade para criar o futuro.

Causas

As causas são complexas e possuem diferentes escalas temporais. Os esforços do indivíduo não são o único factor determinante da condição da sua vida, porque cada pessoa faz parte da rede da sociedade, da natureza e

do continuum do tempo. É comum as pessoas atribuírem causas de forma errada devido à perceção incorreta das relações reais.

Toda a causa é efeito de outra coisa, e todo o efeito é causa de outra coisa. Aquilo que pode parecer uma maldição pode ser uma bênção, e aquilo que pode parecer uma bênção pode ser uma maldição. A dificuldade é uma bênção quando estimula o esforço e o desenvolvimento; a facilidade é uma maldição quando aumenta a complacência e a autoindulgência.

Iluminação e Sentimentos

Se esqueceres os teus sentimentos acerca das coisas do mundo, elas tornam-se ensinamentos iluminadores. Se te tornares emocional em relação ao ensinamento iluminador, ele transforma-se numa coisa mundana.

Contaminação da Virtude

Fazer o bem procurando recompensas é virtude contaminada. Fazer o bem sem pensar em recompensa, dedicando-o à iluminação, é virtude não contaminada. Contaminação e não contaminação referem-se ao estado mental daquele que age, não ao ato bom em si.

O Tesouro Inesgotável do Potencial

Existe um vasto potencial, latente nos seres humanos, que permanece por descobrir devido às limitações impostas à consciência pelas preocupações habituais. A recomendação de abandonar todos os desejos não significa que o desapego seja em si mesmo um objetivo; trata-se de um meio de romper as restrições autoimpostas e abrir este tesouro inesgotável de potencial.

Ganância

Assim como a ganância por coisas mundanas é inibidora e autodestrutiva, também o desejo por coisas ultramundanas impede a abertura da mente.

Ajuda Disfarçada

Quando as pessoas não simpatizam contigo e o mundo não decorre como desejas, isso deveria servir de auxílio ao desapego dos sentimentos

relativamente ao ciclo repetitivo de surgimento e decadência, ganho e perda.

Resposta à Oração

A recusa de auxílio divino àqueles que se tornariam presunçosos, mais apegados, mais indulgentes e mais descarados caso os seus desejos fossem satisfeitos é, ela própria, auxílio divino a essas pessoas. Numa época corrupta, quando as orações não são respondidas, isso é em si mesmo a resposta.

Piedade

A piedade dos grandes santos para com as pessoas comuns não se deve necessariamente à miséria da condição humana em si, mas sobretudo ao grande potencial que a humanidade possui e não utiliza, ao elevado estado do qual a humanidade caiu.

O Benefício Central do Zen

O benefício central do Zen, no contexto dos altos e baixos comuns da vida, não consiste em impedir o negativo e promover o positivo, mas em dirigir as pessoas para a realidade fundamental que não está sujeita aos altos e baixos.

Virtude sem Sabedoria

Diz-se que a virtude sem sabedoria é um inimigo para três vidas. Quando o tempo é passado na ignorância, praticando apenas o bem contaminado, a virtude na esperança de recompensa, não é possível clarificar o verdadeiro fundamento da mente. Este é o inimigo da primeira vida.

Como resultado da virtude contaminada, desenvolvem-se eventualmente estados agradáveis. Ainda dentro do domínio da emoção, estes ocasionam um aprofundamento dos apegos mundanos. Esses apegos tornam-se influências para comportamentos gananciosos e possessivos. Este é o inimigo da segunda vida.

Quando os estados agradáveis se esgotam, enquanto a força da ignorância não diminuiu, mas antes aumentou devido ao apego habitual às recompensas da virtude, a queda do estado elevado de sentimento produz reações negativas. Este é o inimigo da terceira vida.

Instituições Religiosas e Seculares

Instituições religiosas podem ser apoiadas para fins seculares, enquanto instituições seculares podem ser apoiadas para fins espirituais. É importante discernir esta distinção em relação a ambos os tipos de instituição.

O Fundamento da Mente

Enquanto as pessoas não realizarem a base da mente, mesmo que pratiquem boas obras a sua virtude permanece contaminada. É por isso que mestres de Zen e de outras escolas budistas recomendaram que as pessoas primeiro clarifiquem o fundamento básico da mente e só depois cultivem virtudes.

O bem cultivado por pessoas que não realizaram a essência da mente é apenas causa de resultados fabricados. Portanto, não é o caminho essencial para a libertação. Mesmo que ensinem e iniciem outros, caem numa compaixão sentimental, pelo que não constitui verdadeira orientação.

Demónios

Existem vários fenómenos mentais e posturas mentais que obstruem o potencial para a verdadeira compreensão. Devido à sua natureza prejudicial e destrutiva, são chamados demónios ou diabos.

Esses demónios incluem ganância, ódio, arrogância, opiniões dogmáticas, apego a estados meditativos, orgulho no conhecimento, desejo de libertação pessoal apenas para benefício próprio, compaixão sentimental, pressa ansiosa para atingir a iluminação, idolatria dos mestres, rejeição do ensinamento por se encontrar defeitos no comportamento exterior dos mestres, indulgência nas paixões e medo da paixão.

Qualquer pessoa que deseje realizar a iluminação budista é obrigada a examinar o seu coração e mente à procura destes diabos.

Estes demónios podem surgir devido à aplicação incorreta da mente. Também podem intensificar-se numa mente corretamente aplicada na qual

estejam prestes a extinguir-se, tal como a chama de uma vela se intensifica imediatamente antes de se apagar.

Em qualquer caso, não permitas que a mente seja agitada pelos demónios, porque essa agitação perpetua a sua influência.

Má Prática Espiritual

Pode-se entrar na esfera de influência dos demónios como resultado de exercícios e experiências espirituais. Isto pode ser comparado ao caso de um guerreiro que é recompensado por feitos em batalha e depois desenvolve um sentido exagerado da sua própria importância devido a essa recompensa, acabando eventualmente castigado pelo seu comportamento presunçoso.

Quando uma pessoa se orgulha das suas práticas ou experiências espirituais, é certo que cairá na esfera de influência dos demónios. Isto não é culpa da prática em si, mas da atitude do praticante.

Aqueles que empreendem práticas espirituais com ideias erradas, ou desenvolvem visões erradas no decurso da prática, e aqueles que se tornam arrogantes e se opõem às doutrinas ou métodos dos outros, entram em estados mentais e modos de existência que podem ser designados "inferno".

A Prática Religiosa Obstruindo a Iluminação

Uma escritura chamada *Obstáculos da Ação Pura* explica como as práticas religiosas podem, na realidade, obstruir o caminho da iluminação: isto ocorre quando aqueles que praticam esmolas desprezam os egoístas; quando aqueles que observam preceitos morais criticam os que não os observam; quando aqueles que praticam tolerância menosprezam os impacientes; quando aqueles que praticam diligência vigorosa olham de cima para os indolentes; quando aqueles que praticam meditação rejeitam os distraídos; e quando aqueles que possuem conhecimento fazem pouco dos ignorantes.

Não é que as práticas sejam em si obra dos demónios, mas a avidez do praticante transforma a prática religiosa em convencimento e condenação dos outros, obstruindo assim o curso da iluminação.

Possessão

As pessoas que empreendem exercícios espirituais com um sentido de aquisição, mesmo relativamente a "estados espirituais", estão na verdade a realizar o trabalho dos demónios, mesmo que sintam estar a ser espirituais. Aqueles que procuram conhecimento e poderes extraordinários para ganho pessoal e fama também estão a realizar o trabalho dos demónios.

Quando as pessoas são possuídas por tais demónios interiores, podem tornar-se recetáculos de forças externas que amplificam artificialmente os seus poderes intelectuais ou psíquicos durante algum tempo. Não percebendo que se trata de uma condição falsa e enganadora, essas pessoas atribuem isso a si próprias e tornam-se ainda mais arrogantes e possuídas pelos seus demónios.

Meditação e Loucura

As pessoas por vezes enlouquecem devido à prática da meditação Zen. Isto pode acontecer quando alguma perceção ou compreensão surge através da meditação e o praticante se torna arrogante em relação a ela. Também pode acontecer quando o praticante possui problemas psicológicos não resolvidos. Pode ainda ocorrer devido a tensão física e mental excessiva causada pela pressa gananciosa em atingir a iluminação.

Aplacar Demónios

Um método simples para aplacar demónios consiste em evitar apegar-se mentalmente a qualquer coisa. Isto é ilustrado por uma antiga história, na qual uma pessoa estranha costumava vaguear pelos terrenos do eremitério de certo mestre de meditação. Por vezes aparecia como um santo budista, por vezes como um rei celestial, por vezes irradiando luz extraordinária, por vezes pronunciando ditos estranhos. Isto continuou durante dez anos, até que cessou.

O mestre de meditação disse aos seus discípulos:

"Um demónio celestial vinha aqui importunar-me, mas, independentemente da aparência que criava, eu lidava com ele não olhando

nem ouvindo. As manifestações do demónio tiveram fim, mas o meu não olhar e não ouvir não têm fim."

Atravessar a Experiência da Morte

Um princípio semelhante ao de aplacar demónios pode ser aplicado ao problema de atravessar as experiências da morte.

Um antigo texto Zen recomenda que, quando as pessoas estão a morrer, contemplem os seus elementos mentais e físicos como vazios de realidade última, sem existência independente nem identidade própria.

Além disso, devem contemplar a mente verdadeira como sem forma, não vindo nem indo, a essência da mente não entrando na existência no nascimento nem saindo da existência na morte, permanecendo eternamente tranquila.

Por este meio, as pessoas conseguem deixar o mundo; não serão atraídas por visões beatíficas nem aterrorizadas por visões horríveis, tal como podem experienciar à morte de acordo com os seus estados mentais. A mente será esquecida e fundida com o cosmos.

Aversão e Apego

A aversão ou medo dos estados demoníacos é em si mesmo um estado demoníaco. Se tiveres apego emocional às aparências do estado de budeidade, então isso é na realidade um estado demoníaco. Se permaneceres despreocupado perante as aparências dos estados demoníacos, então eles são o reino da budeidade.

Os verdadeiros praticantes do Budismo não se apegam emocionalmente ao reino da budeidade nem temem os reinos dos demónios. Se trabalhares desta forma, sem conceptualizar a realização e sem te tornares entediado, os obstáculos desaparecerão por si mesmos.

Conhecimento Inerente

Um objetivo primário do Zen é a descoberta daquilo que é conhecido como conhecimento inerente. Este não é o tipo de conhecimento produzido pelo pensamento baseado na consciência condicionada. Diz-se que os ignorantes são obstruídos pela ignorância, enquanto os intelectuais são obstruídos pelo conhecimento intelectual.

Uma forma de ultrapassar estes obstáculos e aproximar-se do conhecimento inerente consiste em deixar ir tudo aquilo que surge na mente.

Superação

Mesmo os muitos graus de conhecimento espiritual progressivamente realizados ao longo do Caminho devem ser ultrapassados. Todos estes estádios de progresso espiritual são como tratamentos médicos para doenças, que já não devem ser usados depois de produzirem efeito e a saúde ser restaurada.

Assim se diz que conhecer os erros anteriores ao longo do caminho é aquilo que produz os estados posteriores de superação.

Aprendizagem Escolástica

A aprendizagem escolástica pode constituir um obstáculo definido ao verdadeiro conhecimento, especialmente quando associada à presunção. Isto aplica-se tanto aos literalistas como aos intérpretes teóricos.

Em termos budistas, ser erudito no verdadeiro sentido significa compreender o significado. Os verdadeiros significados do Budismo estão para além das imagens conceptuais e das expressões verbais.

Tipos de Conhecimento

Existem vários tipos de conhecimento tal como definidos no Budismo. Existe conhecimento genuíno e falso conhecimento, conhecimento temporal e conhecimento verdadeiro. As pessoas frequentemente consideram o conhecimento religioso como compreensão de doutrinas; contudo, conhecimento convencional ou ignorância não são conhecimento e ignorância no verdadeiro sentido.

Foi dito que o Caminho não reside no conhecimento nem no não conhecimento.

A iluminação não é meramente uma questão de compreensão intelectual, nem tampouco de obliterar a compreensão intelectual e permanecer vazio e tranquilo.

Uma forma de aproximar-se do conhecimento fundamental consiste em pôr de lado todas essas interpretações e concentrar uma investigação intensiva não conceptual no estado em que esse pôr de lado ocorreu.

Práticas e Estádios

A definição de práticas e estádios existe em benefício das pessoas de capacidades médias e inferiores. O desenvolvimento do conhecimento é uma prática importante na medida em que constitui um instrumento para aqueles que ainda não conseguem fundir-se diretamente com o conhecimento fundamental inerente.

O conhecimento instrumental é comparado a uma jangada que te transporta até à margem do fundamental. Aqueles que se agarram à jangada e não a querem largar são os que não conhecem a verdadeira importância da jangada.

As pessoas de potencial mais elevado são como se fossem capazes de voar e, por isso, não necessitam de jangada para chegar à outra margem para além da ilusão. Conseguem alcançar diretamente o fundamental sem utilizar o conhecimento dos vários estádios.

Encorajar essas pessoas a adquirir aprendizagem escolástica religiosa é como oferecer uma jangada a alguém que sabe voar; isso apenas se tornará um obstáculo.

Abordagem Errada

Porque se afirma no ensinamento Zen que o conhecimento intelectual académico não constitui realização da verdade, existem aqueles que pensam que estarão em harmonia com o verdadeiro Caminho abandonando a aprendizagem e a compreensão intelectual. Esta é também uma ideia errada que bloqueia o Caminho.

O *Sutra da Guirlanda de Flores* diz:

"Todos os seres possuem o conhecimento e as virtudes dos Budas, mas não conseguem realizá-los devido a ideias erradas e apegos."

Suponhamos que existe um homem forte e talentoso que, devido a uma doença grave, se torna fraco e esquece as suas capacidades. Vendo uma pessoa saudável exercitar as suas habilidades, deixando de perceber que ele próprio originalmente também possuía essa capacidade e força, o homem torna-se invejoso e tenta treinar-se para conseguir executar essas habilidades. Isto apenas o exaure e agrava a sua doença.

Se esse homem primeiro curasse a sua doença, acreditando que originalmente possuía essas habilidades e força agora suprimidas pela enfermidade, então os seus poderes manifestar-se-iam novamente como antes.

Assim acontece com o estudo budista. Embora o conhecimento e as virtudes dos Budas sejam inerentes em todos, as pessoas são incapazes de experienciá-los e utilizá-los porque estão obstruídas pela doença das ideias erradas e das ilusões.

Se não compreenderem este facto e se tornarem invejosas ao ver ou ouvir falar de sábios exercendo os poderes do conhecimento e da virtude, passando então a estudar todos os tipos de livros, memorizar ditos, procurar poderes espirituais e desejar excelência intelectual, tudo isso apenas aumentará a sua doença de ideias erradas, e o seu conhecimento e virtude inerentes não se manifestarão.

Equívocos Padronizados

Existe um conjunto de equívocos comuns acerca do Budismo e daquilo que ele ensina. Resumidos da seguinte forma, podem geralmente ser encontrados onde quer que a palavra do Budismo tenha sido ouvida:

Primeiro. A terra pura e a terra impura, ou paraíso e mundo mundano, são separados; ilusão e iluminação, pessoas comuns e sábios não são a mesma coisa.

Segundo. Não existe diferença entre sábios e pessoas comuns, nem distinção entre o puro e o impuro.

Terceiro. No ensinamento budista existem distinções como maior e menor, temporário e verdadeiro, exotérico e esotérico, meditação e estudo doutrinal.

Quarto. Os ensinamentos budistas são completamente iguais, nenhum melhor do que outro em qualquer aspeto.

Quinto. Toda a atividade e perceção são em si mesmas Budismo.

Sexto. O Budismo existe separado de todas as atividades.

Sétimo. Todas as coisas existem realmente.

Oitavo. Todas as coisas são impermanentes.

Nono. Todas as coisas ou são eternas ou desaparecem inteiramente.

Décimo. Todas as coisas são ilusórias e vazias, ou então encontram-se entre existência e não existência.

Décimo primeiro. Não existe verdade fora da doutrina.

Décimo segundo. Existe uma verdade fora da doutrina superior à própria doutrina.

Todos estes representam enunciados encontrados nas visões budistas. Todos eles são visões parciais utilizadas para fins temporários. Quando são mantidos como visões fixas ou dogmas sagrados, transformam-se em equívocos.

Para compreender o estado mental Zen, é necessário suspender a fixação nessas visões ou a oscilação entre elas.

Meios e Fim

As pessoas que chegam ao fundamental podem posteriormente ensinar qualquer tipo de doutrina às outras pessoas como meio expedito, sem que a sua própria compreensão fique limitada a tal doutrina.

As interpretações intelectuais dessas doutrinas feitas por pessoas que não chegaram ao fundamental são, contudo, todas equívocos.

Assim, as pessoas podem ter recebido todos os ensinamentos verbais dos fundadores das escolas espirituais sem, contudo, serem efetivamente como os fundadores. Portanto, a transmissão dos ensinamentos verbais não constitui, evidentemente, o verdadeiro propósito das escolas. Como diz um antigo comentário a uma escritura:

"A própria mente realiza a mente, a própria mente desperta a mente."

Contudo, rejeitar ou abandonar a instrução e simplesmente continuar de acordo com aquilo que por acaso se pensa e sente é também uma ideia errada.

A escritura chama a isto a doença do "deixar estar".

Compreender o Kōan Zen

O exercício de manter na mente um dito ou história Zen é incompatível com um desejo consciente de compreensão nos teus próprios termos. Segundo um antigo dito:

"Não procures conscientemente a iluminação."

Isto porque a consciência, sob tais condições, está preocupada com o desejo. Além disso, a mente não iluminada, que por definição não sabe o que é a iluminação, não pode saber o que procurar nem como procurar.

O kōan não é absolutamente essencial no Zen; é também apenas um meio expedito, usado para transcender os limites da mente condicionada. Para alcançar essa rutura, é importante contornar as exigências da mente condicionada e aproximar-se diretamente do kōan.

O Fundamental

O fundamental não se caracteriza por inteligência ou estupidez no sentido comum. Aqueles que estão obcecados com tais aparências são os estúpidos, enquanto aqueles que não estão são os inteligentes.

Assim, aqueles que alcançam conhecimento do fundamental não se orgulham de serem sábios.

Medicina e Doença

As pessoas não necessitam de medicina quando estão saudáveis. A medicina é importante quando estão doentes. Os médicos diagnosticam as doenças e prescrevem em conformidade. Como existem muitas doenças diferentes, também existem muitos medicamentos diferentes. Contudo, apesar da variedade de medicamentos, o propósito curativo é um e o mesmo: restaurar a saúde original.

Assim é com o Budismo. No estado fundamental, as pessoas não possuem enfermidades. Tornam-se psicologicamente aflitas, contudo, devido à ignorância. As suas aflições são variadas, pelo que os ensinamentos do Budismo, os remédios para as aflições, também são variados. Apesar da diversidade dos ensinamentos budistas, todos possuem o mesmo propósito: restaurar as pessoas ao bem-estar do estado fundamental.

A iluminação não se refere, portanto, ao conhecimento académico dos vários ensinamentos do Budismo. Iluminação significa ter eliminado a

ignorância e alcançado libertação incondicionada. Os ensinamentos podem conduzir a isso, mas não constituem a própria experiência. Aproximar-se dos ensinamentos como um campo de estudo é aquilo a que se chama transformar medicina em doença.

Conselho Especializado

Quando estás doente, se pensares que tens de estudar medicina antes de obter tratamento para a tua doença, ficarás mais doente e morrerás antes mesmo de terminares de aprender medicina. Contudo, se fores a um médico especialista, ele poderá diagnosticar a tua enfermidade e prescrever em conformidade. Como paciente, poderás não compreender o conhecimento subjacente à prescrição do médico, mas, se seguires o conselho especializado, recuperarás.

A prática budista é também assim. Se tentares primeiro aprender todas as doutrinas e só depois aplicá-las, poderás passar toda uma vida a estudar doutrinas sem jamais as aprender todas, tão numerosas e diversas elas são. Se nunca chegares à aplicação, a aprendizagem torna-se, em última análise, inútil.

Os verdadeiros mestres, portanto, dão aos estudantes apenas tanta instrução quanto necessitam para aplicar. Mesmo que os estudantes não consigam compreender imediatamente, se mantiverem na mente as orientações do mestre sem tentar encaixá-las em interpretações preconcebidas, quando chegar o momento apropriado a obscuridade deverá dissolver-se.

Dois Tipos de Conhecimento

Diz-se por vezes que os iluminados possuem dois tipos de conhecimento: um chamado conhecimento fundamental e outro chamado conhecimento adquirido.

O conhecimento fundamental é a realização interior do iluminado. O conhecimento adquirido refere-se aos meios desenvolvidos pelos iluminados para ensinar os outros.

Os ensinamentos das doutrinas budistas e os kōans Zen são todos meios expedientes para transformar os outros; não constituem o conhecimento fundamental da experiência interior. A compreensão intelectual adquirida pelos estudantes das doutrinas Zen através da leitura

de escrituras ou da frequência das palestras dos mestres pertence inteiramente ao domínio do conhecimento adquirido.

Se tiveres efetivamente experienciado a realização interior dos iluminados, poderás então desenvolver conhecimento adquirido para ajudar os outros e expor ensinamentos ou meditações para libertar as pessoas.

A Prioridade do Conhecimento Fundamental

Aqueles que ainda não realizaram o conhecimento fundamental dos iluminados devem primeiro aspirar a alcançar o domínio desta realização interior básica. Para concretizar isso, é necessário transcender os limites da doutrina e da meditação. Aqueles que mantêm doutrinas ou ensinamentos Zen na mente não conseguem alcançar o fundamental.

É por isso que se diz que a realização só é atingida quando se leem os ensinamentos dos Budas e dos mestres Zen como se fossem inimigos. Diz-se também que não devemos preocupar-nos com os ramos, mas chegar diretamente à raiz.

A Base e os Desenvolvimentos

Quando plantamos uma árvore, desde que as raízes se fixem, os ramos e folhas crescerão naturalmente e as flores e frutos desenvolver-se-ão. Portanto, quando plantamos a árvore, preocupamo-nos com as raízes e não com os ramos e folhas. Enquanto as raízes não se tiverem fixado firmemente, podamos os pequenos ramos para que a energia se dirija às raízes.

Isso não significa, contudo, que plantemos a árvore apenas por causa das raízes. Cuidamos profundamente das raízes em benefício dos ramos, folhas, flores e frutos.

Autorrealização e Ensinar os Outros

Mesmo aqueles que realizaram o fundamental ainda não estão completamente iluminados no Budismo enquanto não conhecerem as técnicas de um adepto vivo. Tais pessoas podem efetivamente possuir correta autorrealização, mas não conseguem funcionar como guias se lhes faltarem capacidades metodológicas para ajudar os outros. Esta condição é por vezes referida como alcançar a intenção mas não a expressão.

Por outro lado, mesmo que as pessoas tenham descoberto alguns dos métodos dos adeptos, elas próprias não podem ser mestres se as suas perceções não forem claras. Estas são pessoas que alcançaram a expressão mas não a intenção.

Intenção e Expressão

Segundo um antigo dito, aqueles que ainda não alcançaram a iluminação devem estudar a intenção em vez da expressão, enquanto aqueles que alcançaram a iluminação devem estudar a expressão em vez da intenção.

A intenção é o significado interior do Zen, que é o fundamental inerente a todos. A expressão é a metodologia variada das escolas Zen. A intenção é a raiz; a expressão são os ramos. Os estudantes precisam primeiro de descobrir o significado interior do Zen, sem ficarem atolados nas expressões.

Maturação

Depois de realizarem a intenção do Zen, as pessoas antigamente costumavam passar décadas a polir-se profundamente para se libertarem das compulsões do condicionamento e do hábito. Isto é chamado o trabalho da maturação; a conclusão da maturação é chamada a obtenção da unificação.

Zen Vivo

Após o estádio da unificação, várias capacidades e funções subtis surgem espontaneamente. Os métodos empregados por tais adeptos para ajudar os outros derivam, assim, da liberdade; não são produtos da aprendizagem convencional.

Esta qualidade de liberdade e espontaneidade é designada como estar vivo. Diz-se que tais pessoas alcançaram tanto a intenção como a expressão, e aquilo que dizem é chamado a palavra viva.

Estabilização da Base

Quando uma árvore não floresce nem frutifica num tempo razoável após ter sido plantada, sabemos que as raízes não se fixaram firmemente, pelo que deve ser dada atenção sobretudo ao cuidado adequado das raízes. Se não perceberes que o problema reside nas raízes e apenas tentares fazer

crescer ramos e florescer flores, as raízes continuarão a definhar enquanto dedicas a tua atenção aos desenvolvimentos exteriores.

De modo semelhante, mesmo que tenhas realizado o significado do Zen, se as tuas capacidades e funções não se desenvolveram, ainda não deves dedicar a tua atenção a esses desenvolvimentos. Pelo contrário, deverás permanecer numa atenção correta ao fundamental, de modo a libertares-te das visões do ego pessoal e religioso, indo além tanto dos sentimentos comuns como das experiências religiosas, abraçando assim plenamente o fundamental que transcende ambos.

Realização e Preservação

Desde tempos antigos se diz que a verificação da verdade é relativamente fácil comparada com a dificuldade de preservar a verdade.

A preservação da verdade é o trabalho da maturação.

Existem estetas que possuem experiências psíquicas que tomam por reais, embora não sejam verdadeiras. Sem realizarem qualquer trabalho básico de desenvolvimento, tais pessoas acreditam ser fundamentalmente corretas e apenas necessitar de aprender funções espirituais. Assim, estudam os ensinamentos do Zen e de outras escolas budistas para esse fim. Tal estudo, contudo, apenas obscurece ainda mais o fundamental. Pessoas assim podem eventualmente tornar-se obcecadas e perturbadas.

Existem também pessoas que possuem experiências psíquicas que acreditam ser fundamentais e tomam o trabalho de desenvolvimento como preservação de estados alterados. O chamado desenvolvimento sobre esta base apenas aumenta a ignorância.

Expressão Zen

Os termos intenção e expressão vieram originalmente da poética. Poder-se-ia dizer, por exemplo, que a formulação de um poema é muito bela mas a sua mentalidade é insípida.

O Zen utiliza os termos com um significado diferente. O Zen possui vários ensinamentos, designados por termos como transcendência e integração, o além e o aqui e agora, manter imóvel e deixar ir, deter e

libertar, matar e vivificar, três mistérios, três essenciais, cinco graus, governante e ministro, e assim por diante. Tudo isto pertence ao domínio da expressão.

Algumas pessoas mal informadas referem-se à compreensão das definições desses ensinamentos como realização da intenção. Pensam que domínio da expressão significa capacidade de responder facilmente a perguntas ao explicar esses termos aos outros. Aquilo que essas pessoas desinformadas consideram ser a intenção permanece, na realidade, ainda no domínio da expressão. Estudar desta maneira pode parecer estudo tanto da intenção como da expressão, mas na verdade não é de todo assim.

Estudar a Expressão

Contemplar ditos e histórias Zen não é necessariamente uma questão de estudar a expressão.

A discussão teórica e a avaliação dos diferentes modos de ensinamento, visão, prática e experiência representados nos ditos e histórias chama-se estudar a expressão.

Mesmo que as pessoas permaneçam sentadas silenciosamente voltadas para uma parede, se mantiverem vários fragmentos de conhecimento e compreensão na mente e tentarem organizá-los e avaliá-los, isso pertence igualmente ao domínio do estudo da expressão.

Estudar a Intenção

O método de estudar a intenção consiste em pôr de lado toda a compreensão intelectual e avaliação emocional e olhar diretamente para um dito ou história.

Mesmo que estejas a ler registos de antigos ditos ou a ouvir um mestre ensinar, se esqueceres aquilo que está na tua mente e te abrires, sem produzires racionalizações acerca do que estás a ler ou ouvir, isso é estudar a intenção.

Alcance do Método

Uma vez que as pessoas tenham realizado claramente a intenção do Zen, o mestre pode então discutir com elas os métodos e modos das várias técnicas Zen. Se as pessoas não conseguirem dominar a técnica, não poderão trabalhar como mestres.

Para os mestres Zen, o conhecimento da expressão verbal não deve limitar-se apenas aos métodos das escolas Zen, mas deve estender-se aos dispositivos de outros ensinamentos budistas e até a outras filosofias e ciências seculares.

Técnicas Zen

Existem muitas expressões Zen que representam aquilo a que se pode chamar ensinamentos positivos e negativos. São frequentemente utilizadas para descrever as funções psicológicas da literatura Zen.

Pares de termos como manter imóvel/deixar ir, matar/vivificar, suprimir/fomentar, elogiar/censurar, e assim por diante, são usados para indicar alternância, combinação e equilíbrio de modos complementares de ser, tais como quietude e atividade, transcendência e envolvimento, arrancar ervas e semear.

Tais termos podem também ser usados para referir formas específicas de lidar com a literatura Zen a fim de trazer à luz uso e significado apropriados às necessidades de determinado indivíduo ou comunidade.

Eruditos Hipócritas

Muitos estudiosos budistas não aspiram realmente à iluminação, mas estudam sobretudo para aumentar a própria reputação e prestígio e alimentar o orgulho pessoal. Quando adquirem algum conhecimento, apresentam-se como mestres e enganam os ignorantes. Dizem às pessoas o seu pequeno conjunto de conhecimentos e interpretações e concedem aprovação formal a quaisquer estudiosos cujas opiniões correspondam às suas próprias. Isto é um grande erro.

Aplicação Prática

Segundo a escritura budista, mesmo que as pessoas sejam eruditas, enquanto não colocarem a sua aprendizagem em prática não diferem dos ignorantes. Isto é também verdadeiro nas atividades mundanas; compreender os princípios e falar sobre eles pode ser bastante fácil, mas a execução efetiva não é assim tão fácil.

Muitas pessoas instruídas apenas professam e não refinam realmente as suas mentes. É por isso que não alcançam as realizações dos sábios cujos livros estudam.

Quando Confúcio estava vivo, ensinava aos seus estudantes os princípios da humanidade, justiça, cortesia, inteligência e veracidade, fazendo-os praticar esses princípios. Quando Confúcio testemunhava que determinada pessoa aprendera humanidade, ou que outra aprendera justiça, referia-se a pessoas cujos corações eram humanos ou justos, não a pessoas que apenas aprenderam a falar sobre humanidade e justiça sem possuírem humanidade nem justiça nos seus corações.

Os estudantes posteriores do Confucionismo, contudo, afirmavam ser mestres do ensinamento confucionista assim que aprendiam definições de humanidade e justiça, sem terem cultivado humanidade e justiça nos seus próprios corações.

O mesmo acontecia também no Budismo. Quando o Buda estava no mundo, nem todos os seus seguidores eram génios que alcançavam rapidamente a libertação e se tornavam livres, mas até aqueles de capacidades medianas e inferiores que escutavam as instruções do Buda e as colocavam em prática alcançavam benefícios de acordo com as suas capacidades. Mesmo após a morte do Buda, todos aqueles que praticavam adequadamente o ensinamento obtinham algum benefício. Isto acontecia porque seguiam o Budismo apenas pela libertação e pela salvação de todos os seres vivos, não por estatuto social e lucro material.

Em tempos posteriores, muitas pessoas, tanto leigas como clérigos, seguiram e estudaram o Budismo em busca de reputação e lucro material. Por isso não avançavam no verdadeiro cultivo e refinamento pessoal. Pensavam que bastava aprender as doutrinas das várias escolas. Como resultado, quanto mais instruídas eram, mais arrogantes se tornavam.

Em consequência de tudo isto, enquanto as pessoas comuns possuem apenas o ego pessoal habitual, os estudantes do Budismo acrescentaram-lhe ainda um ego religioso.

Portanto, até estudiosos de erudição extraordinária podiam não diferir em nada dos mais miseráveis malfeitores em termos do seu verdadeiro modo de viver e maneira de ser.

O ensinamento Zen afirma que é melhor praticar um pouco do que falar muito. Os mestres Zen recomendaram, por isso, que a compreensão erudita fosse subordinada ao estudo através da experiência pessoal.

Chegou, contudo, o tempo em que até os estudantes de Zen se entregaram a atividades literárias e se tornaram tão orgulhosos da sua erudição que já não se envergonhavam de não possuir experiência real de iluminação.

Aspiração à Iluminação

Nos ensinamentos budistas são traçadas várias distinções entre diferentes aspirações à iluminação. Essencialmente, pode dizer-se que existem dois tipos de aspiração à iluminação: a aspiração superficial e a aspiração verdadeira.

Compreender que tudo aquilo que nasce deve morrer, que tudo aquilo que floresce deve declinar, esquecer as ambições mundanas e procurar apenas o caminho da emancipação — isto é chamado a aspiração superficial à iluminação. O grande mestre budista Nāgārjuna disse:

"Observar a impermanência do mundo é temporariamente chamado aspiração à iluminação."

Porque se trata de uma prática para entrar das superficialidades nas profundezas, aqueles em quem nem sequer surge esta aspiração superficial à iluminação não conseguem desenvolver a verdadeira aspiração à iluminação. É por isso que os mestres Zen sempre explicaram o princípio da transitoriedade aos seus estudantes, embora apontem diretamente para o fundamental.

Aqueles que apenas se alarmam com a impermanência e abandonam as ambições mundanas sem desenvolver verdadeira aspiração à iluminação continuam a ser pessoas ignorantes.

As pessoas assumem frequentemente que abandonar as ambições mundanas e ir viver num eremitério nas montanhas para purificar a mente com o som das cascatas e do vento nos pinheiros constitui aspiração à

iluminação. Contudo, isto não pode ser chamado verdadeira aspiração à iluminação. Uma escritura diz:

"Aqueles que vivem em reclusão nas montanhas e florestas e pensam que assim são superiores aos outros não conseguem sequer alcançar felicidade, quanto mais a budeidade."

A verdadeira aspiração à iluminação é o desenvolvimento da mente que possui fé na iluminação suprema. A iluminação suprema, inerente a todos, é eterna e imutável. Acreditar nisto é chamado verdadeira aspiração à iluminação. Uma escritura diz:

"Desde o momento da sua primeira inspiração, os seres iluminadores procuram apenas a iluminação, com firmeza inabalável."

Mesmo que acredites na iluminação inerente, se apenas acreditares sem possuir comunhão interior com ela, isso ainda não constitui verdadeiramente a aspiração à iluminação.

A crença ou fé que caracteriza a verdadeira aspiração não repousa num dogma nem num objeto exterior; na sua essência, é a orientação referida na escritura como procurar apenas a iluminação. Isto significa atravessar estados mundanos sem apego; significa também atravessar estados espirituais sem os tomar como finais ou absolutos.

Este progresso só pode ser mantido com um sentido interior da transcendência da iluminação em relação a objetivos inferiores, aliado a um sentido interior da imanência dessa iluminação na mente. Esta união fértil do sentido interior é chamada verdadeira aspiração à iluminação.

A aspiração que existe apenas no domínio da crença, sem esta comunhão interior, é aquilo a que a escritura se refere quando diz:

"Esta aspiração à iluminação surge e desaparece, é transitória; não é a essência permanente e indestrutível da iluminação."

A aspiração à iluminação que constitui uma propriedade inerente de toda a mente humana é referida na escritura através do dito:

"Na iluminação suprema não existe regressão passada, regressão presente nem regressão futura."

O *Sutra do Grande Sol* diz:

“O que é a iluminação? É conhecer a tua própria mente tal como ela realmente é.”

Um comentário afirma:

“Se a própria mente é iluminação, porque é que as pessoas não se iluminam? Porque não conhecem a mente tal como ela realmente é. Se conhecessem a mente tal como ela realmente é, tornar-se-iam verdadeiramente despertas no momento da sua inspiração inicial.”

Se pessoas que ainda não estão em comunhão com a mente inerente da iluminação considerarem a devoção implacável à prática religiosa como prova de firmeza de vontade para a iluminação e poder na prática, certamente se tornarão obcecadas devido ao seu orgulho. Além disso, existe também a ansiedade de que, se essa determinação enfraquecer e forem distraídas pelas condições mundanas, então não alcançarão salvação. Assim, a iluminação inerente torna-se cada vez mais obstruída e obscurecida por esse orgulho e por esse medo.

Quando os praticantes iniciantes entram num tal estado mental, se perceberem que essas ideias erróneas surgiram porque ainda não estão em harmonia com o caminho transcendental, e se deixarem tudo isso de lado para olhar diretamente para as suas mentes, acabarão por alcançar concordância.

Uma escritura diz:

“Se as pessoas procuram a iluminação, não possuem iluminação. Conceber a iluminação sob alguma forma é alienar-se da iluminação.”

Sentimentos Mundanos

Atração e aversão são dois sentimentos que mantêm as pessoas na servidão do comportamento repetitivo ignorante. Aqueles que procuram apenas o que lhes agrada e tentam evitar aquilo que lhes desagrada agem dessa forma porque não realizam a natureza do mundo.

Para aqueles que conhecem a natureza do mundo, a ausência de satisfação ou realização completa nas coisas do mundo é em si mesma um conselho para cultivar desapego. Se as pessoas não desejarem ser agradadas, não serão desagradadas. O que causa sofrimento mental não é o ambiente em si, mas a própria mente.

Suavizar os Sentimentos Mundanos

O fundador do Zen falou de duas formas de acesso ao despertar: pelo princípio e pela prática.

O acesso pelo princípio refere-se à unificação direta com o fundamental, sem depender de treino. Como isso não é possível para todos, o fundador ensinou também quatro práticas.

As duas primeiras práticas destinam-se a contrariar a tendência para ser distraído por sentimentos relacionados com situações agradáveis e desagradáveis. Em situações desagradáveis, combate-se irritação, ressentimento e lamentação vendo tais situações como produtos do próprio comportamento desagradável no passado. Em situações agradáveis, combate-se complacência e apego refletindo sobre a impermanência de todas as condições.

Estas duas práticas são usadas para equilibrar a mente a fim de abrir o caminho à concentração não adulterada em objetivos mais elevados.

Como diz uma escritura:

"Agitar pensamentos é erro; parar pensamentos é também erro."

Parar o pensamento não é iluminação, e projetar desígnios subjetivos sobre um objetivo ilimitado não pode conduzir ao sucesso.

Por isso o fundador ensinou uma terceira prática, que consiste em não procurar nada. Como afirmou, ficar enfeitiçado por alguma coisa é tornar-se escravo dessa coisa.

Não procurar nada continua a não ser considerado o último grau. Não procurar aquilo que pensas existir é uma porta para descobrir o que realmente existe, para além da tua imaginação. Apenas encontrar, sem procurar, é chamado encontrar a fonte em toda a parte.

Manter contacto com a fonte desta forma constitui a essência da quarta prática ensinada pelo fundador Zen. Esta prática, conhecida como concordância com a realidade, continua no domínio da realização e não é aquilo a que a literatura Zen chama o grande repouso.

Nenhum Caminho Fixo

O ensinamento Zen não possui trilho fixo nem padrão estabelecido. Por vezes explica princípios mundanos, por vezes expõe doutrinas transmundanas. Em qualquer caso, o propósito consiste em dissolver os pontos de fixação das pessoas e libertá-las da sua servidão. Portanto, não existe dogma nem ortodoxia doutrinal; a única questão é aquilo que libertará e iluminará eficazmente as pessoas.

Segundo um antigo dito Zen:

"Se compreenderes, podes utilizá-lo no caminho; se não compreenderes, transforma-se numa convenção mundana."

Mesmo que às pessoas sejam dados ensinamentos místicos para transcendência, se não os compreenderem, os ensinamentos tornam-se doutrinas convencionais.

Por outro lado, se ouvir a explicação de princípios mundanos libertar as pessoas do apego e da servidão, com o resultado de se unirem diretamente ao fundamental, então esses princípios mundanos são, nesse sentido, ensinamentos profundos.

Trabalhar o Fundamental

Não é necessário eliminar os sentimentos mundanos para trabalhar o fundamental. Aqueles que estão profundamente conscientes da precariedade da nossa situação enquanto seres humanos e da brevidade da nossa oportunidade de despertar, e que usam essa consciência para afiar a sua vontade, não são distraídos do trabalho pelos sentimentos mundanos.

Os sentimentos que surgem devido às circunstâncias podem, na verdade, ser usados para alimentar a urgência do trabalho em direção ao fundamental. Métodos preliminares de suavização dos sentimentos mundanos são ensinados em benefício daqueles cuja determinação é insuficiente. Isto não significa que o trabalho sobre o fundamental deva ser empreendido apenas depois de terminados os sentimentos mundanos.

Não Esquecer

Mesmo enquanto recordas formas de suavizar os sentimentos mundanos quando eles surgem, não deves abandonar o trabalho sobre o fundamental. Diz-se que pessoas com intensa determinação para a iluminação negligenciam até comer e dormir; tais pessoas efetivamente

cansam-se e sentem fome, mas descansam e comem no meio do trabalho e, portanto, não são impedidas nem mesmo ao dormir ou comer.

Se pessoas que carecem dessa determinação passarem sem comer ou dormir, adoecerão. Isso prejudicará a sua prática, pelo que são encorajadas a comer o suficiente para vencer a fome e dormir o suficiente para vencer a fadiga.

Isso não significa, contudo, que devam esquecer o trabalho enquanto comem ou dormem.

Um antigo mestre Zen dá este conselho:

"Quando andares, observa o andar; quando estiveres sentado, observa o sentar; quando te reclinares, observa o reclinar; quando vires e ouvires, observa o ver e ouvir; quando notares e conheceres, observa o notar e conhecer; quando estiveres alegre, observa a alegria; quando estiveres zangado, observa a zanga."

Trabalhar desta forma conduzirá ao despertar.

Sonhos e Ilusões

Existe uma prática popular, comum nas escrituras budistas e nos escritos Zen, que consiste em considerar todos os fenómenos como se fossem sonhos ou ilusões. Esta prática pertence ao domínio do método e não constitui um ensinamento último.

A literatura secular e os ditados populares utilizam a imagem das coisas como sonhos ou fantasmas para significar que tudo é transitório. No Budismo, a implicação é que os fenómenos são ultimamente insubstanciais, embora se manifestem condicionalmente. Isto representa um equilíbrio, evitando tanto a reificação como o niilismo. Embora as coisas existam, aquilo que delas percebemos não é a sua existência real; embora as coisas estejam vazias de absolutismo, esse conhecimento não está verdadeiramente vazio.

Assim, a contemplação dos fenómenos como semelhantes a sonhos é um expediente elementar utilizado para facilitar a realização da Via do Meio que transcende visões dualistas e extremas.

O uso desta prática no Zen não tem como objetivo levar as pessoas a contemplar o princípio, mas encorajá-las a pôr tudo de lado para se voltarem diretamente para o fundamental. Um antigo mestre disse:

"Porque te incomodas a tentar agarrar sonhos, fantasmas e alucinações? Abandona ganho e perda, certo e errado, tudo de uma só vez."

Pôr de Lado Também é um Meio

Se colocares tudo de lado e não mantiveres nem o Budismo nem o mundo na mente, será isso aquilo a que se chama o fundamental?

O fundador do Zen disse:

"Não perseguindo objetos exteriormente, a mente não ofegando interiormente, se a mente for como uma parede, pode-se entrar no Caminho."

Outro mestre Zen explicou que isto significa que a prática de pôr todos os objetos de lado e não agitar a mente é um método expedito para entrar no Caminho. Portanto, tomar esse estado em si mesmo como sendo o Caminho é, na verdade, contrário à intenção do fundador do Zen.

Não Julgar os Outros

Diz-se que as pessoas que estão verdadeiramente no Caminho não discutem julgamentos sobre os outros. Isto não significa que façam julgamentos e os reprimam; significa que não veem as pessoas em termos de eu e outro. O terceiro patriarca do Zen disse:

"No domínio do ser tal como é, não existe outro nem eu."

Uma escritura diz:

"A natureza da realidade é como um oceano; não deves dizer que existe certo ou errado."

Se as pessoas veem o mundo em termos de distinções entre os outros e si próprias, inevitavelmente formarão julgamentos de certo e errado. Se entretêm visões de certo e errado, não são verdadeiros praticantes do Caminho, mesmo que se abstenham de expressar as suas opiniões.

Portanto, em vez de tentar abster-se de discutir julgamentos sobre os outros, os estudantes do Budismo devem voltar-se para dentro e refletir:

"Quem é que fala do certo e do errado dos outros?"

Uma escritura diz que as pessoas:

"Tomam a constituição física como sendo o seu próprio corpo e tomam os reflexos dos dados sensoriais como sendo a sua própria mente."

O que este dito escritural significa é que aquilo que as pessoas comuns consideram ser o seu eu não é o verdadeiro eu. E se não sabes qual é o teu verdadeiro eu, também não consegues ver os outros tal como realmente são.

Assim, se as tuas ideias acerca de ti próprio e dos outros são ambas falsas, como poderás julgar o certo e o errado?

Habitualmente, pessoas que assumem estar no Caminho e não falam do certo e errado dos outros continuam, ainda assim, a definir bem e mal nas suas mentes e a estabelecer distinções de agudeza e lentidão entre as pessoas. Conceptualizando superficialidade e profundidade da compreensão, contrastam erro e correção da prática. Tais pessoas não conseguem prosseguir diretamente em direção à iluminação suprema, pelo que são encorajadas a não prestar atenção a julgamentos de certo e errado.

O Eu Original

Mesmo aqueles que abandonaram todos os julgamentos de certo e errado e não veem as pessoas em termos de eu e outro não podem ser considerados verdadeiramente no Caminho enquanto não tiverem visto o estado original anterior à história pessoal.

Uma forma de ver este estado original consiste em voltar a atenção para dentro: o que é que distingue e define eu e outros, corpo e mente? O que é que pensa acerca de certo e errado e ganho e perda?

Antigamente, Nanyue dirigiu-se ao sexto patriarca do Zen. Ao vê-lo aproximar-se, o patriarca perguntou:

"O que é isto que veio desta maneira?"

Incapaz de responder, Nanyue retirou-se. Após oito anos de reflexão interior, teve finalmente uma grande realização.

Regressando ao patriarca, Nanyue respondeu:

"Não seria correto referir-se a isso como alguma coisa."

Só então Nanyue recebeu a aprovação do patriarca Zen.

Pode parecer que a incapacidade de Nanyue para compreender e responder imediatamente demonstra que era lento. Na verdade, contudo, o facto de ter perseguido a pergunta "O que é isto que veio?" até ao fim e, por fim, ter regressado com a resposta, é prova da sua agudeza.

Sem esta investigação penetrante, nunca poderás tornar-te iluminado.

Quando terminava uma palestra e a audiência se retirava, um certo mestre Zen da antiguidade costumava chamar os presentes e, quando eles viravam a cabeça, dizia:

"O que é?"

Ele não lhes estava a ensinar como meditar, nem lhes estava a pedir as suas opiniões. Se as pessoas conseguirem compreender diretamente a sua intenção, qualquer falta de clareza desaparecerá imediatamente.

Certa vez existiu um professor budista amplamente versado nas escrituras e tratados, que compreendia os seus significados e princípios. Tinha um grupo de estudantes e lecionava há muito tempo quando visitou o grande mestre Zen Mazu e lhe colocou várias perguntas. O professor não aprovou as respostas do mestre Zen e, por isso, foi-se embora. Exatamente nesse momento, o mestre Zen chamou-o; quando o professor, já a sair, virou a cabeça, o mestre Zen disse:

"O que é?"

Nesse instante, o professor experimentou subitamente um grande despertar.

Este professor estudara textos budistas durante anos e compreendera conceptualmente os seus princípios, mas não possuía qualquer experiência real de iluminação. Depois, com uma única palavra do mestre Zen — "O que é?" — despertou profundamente. O que significa isto? Obviamente, aquilo que realizou não era meramente uma doutrina ou um princípio.

Se estudiosos e intelectuais dedicassem o tempo que gastam a tentar cultivar compreensão erudita à investigação direta do lugar onde os

pensamentos surgem e desaparecem, e se prosseguissem essa investigação ao longo de todas as suas atividades, poderiam alcançar entrada na iluminação tal como Nanyue e o professor alcançaram.

Abordagens Erradas

Por vezes as pessoas perguntam acerca do Budismo e recebem a resposta:

"Quem é que está a perguntar sobre o Budismo?"

Algumas pessoas identificam-se com base nas suas ideias habituais e dizem que esse eu é esse "quem".

Existem também aqueles que pensam que a resposta significa que devem interrogar-se sobre quem são.

Depois há aqueles que se agarram ao dito:

"A tua própria mente é Buda"

e então adotam poses e gestos como resposta.

Algumas pessoas fixam-se na insubstancialidade da mente cognoscente, no domínio do desapego de todas as formas, e equiparam isso à afirmação de Nanyue:

"Não seria correto referir-se a isso como alguma coisa."

Então a sua resposta consiste em dizer que não existe nada acima a que se possa ascender nem qualquer eu abaixo.

Por outro lado, existem alguns que possuem a noção de que todas as perguntas e respostas são extrínsecas, e descartam a questão inteira com um grito.

Alguns pensam que o significado do Zen é o estado que nada tem a ver com qualquer destas avaliações e retiram-se imediatamente quando interrogados.

Nenhuma destas abordagens conduz ao grande despertar.

Efeitos do Budismo

Existem pessoas que dizem acreditar no Budismo, ou no Zen, que praticam há anos sem qualquer efeito. A questão é: que efeitos procuram elas?

Algumas pessoas querem ser conhecidas, ou querem obter algo para si mesmas. Algumas rezam a Budas e espíritos para evitar desastres e alcançar boa fortuna. Algumas estudam na esperança de adquirir conhecimento. Algumas realizam práticas esotéricas para obter poderes sobrenaturais. Algumas praticam artes e habilidades para superar os outros. Algumas praticam curas na tentativa de sarar doenças. Em tais assuntos pode falar-se de efeitos ou da ausência deles, mas a mensagem do Zen não pertence a essa ordem.

No que diz respeito à mensagem do Zen, foi dito:

"Isto é inerente a todos, completo em cada indivíduo, não menos nas pessoas comuns, não mais nos sábios."

Também foi dito:

"É completo, como o espaço cósmico, sem falta nem excesso."

Se pensas obter algum efeito através da prática do Budismo, isso é como ver excesso no espaço cósmico; se pensas que não existe qualquer efeito, isso é como ver falta no espaço cósmico. Em qualquer dos casos, falhas o essencial.

Entre os mais tolos dos tolos encontram-se pessoas que receiam não alcançar iluminação mesmo praticando Budismo e que, por isso, desistem da ideia antes sequer de tentarem, porque não querem desperdiçar tempo e esforço. Que existe neste mundo que tenha sucesso garantido? Aqueles que querem ser pagos antes de fazer qualquer trabalho, por assim dizer, que exigem garantia de sucesso antes de fazer qualquer esforço, nunca chegarão a lado nenhum, nem no Budismo nem nos empreendimentos comuns.

Orientação

Um antigo mestre Zen disse que a meditação Zen não traz benefício se a aplicação da mente for obscura. Isto não significa que seja inútil para pessoas sem instrução praticarem meditação Zen; é um aviso para aqueles que se sentam num nevoeiro ignorante e chamam a isso meditação Zen.

Algumas pessoas dizem que a meditação Zen não é acessível aos incultos e que, por isso, eles deveriam recitar escrituras e encantamentos, porque práticas formais como recitações são mais fáceis e, assim, mais propícias à realização.

Contudo, uma escritura afirma:

"Se a orientação da mente não for correta, todas as práticas são vãs."

Isto aplica-se tanto à meditação Zen como a todas as práticas formais. Se a aplicação da mente for correta, não haverá aberração nas práticas. Caso contrário, todas as práticas, quer formais quer informes, concretas ou abstratas, são inúteis.

Meditação Zen

A meditação Zen essencial não consiste em controlar pensamentos e manter o corpo imóvel, pelo que não podemos dizer que seja importante sentar-se voltado para uma parede e parar de pensar. Também não consiste em contemplar princípios doutrinais, pelo que não podemos dizer que seja importante aprender princípios doutrinais.

Não exige riqueza, pelo que não podemos dizer que somos demasiado pobres para a praticar. Não exige força física, pelo que não podemos dizer que somos demasiado fracos para a praticar. Não afirma que não exista Budismo no interior das paixões mundanas, pelo que não podemos dizer que seja inacessível às pessoas comuns.

Cerimónias e rituais são práticas executadas pelo corpo, pelo que é impossível realizá-las quando estás ocupado com outra coisa. Recitações e invocações são práticas executadas vocalmente, pelo que estes exercícios têm de ser postos de lado quando estás a falar sobre outra coisa. A contemplação de princípios é uma prática executada pelo intelecto, pelo que não acontece quando estás a pensar noutra coisa. Mas o trabalho Zen não é realizado pelo corpo, pela fala ou pelo intelecto; então, o que pode ser chamado importante?

Nem Mesmo a Mente

Mesmo que se compreenda que a prática Zen não é física nem verbal, continua a surgir uma questão acerca da afirmação de que o Zen também não é uma atividade mental. Se assim é, como reconciliar isto com a apresentação de instruções sobre aplicação mental na prática Zen?

Dizer que o Zen não é realizado física, verbal ou intelectualmente não significa que consista em ausência de pensamento, extinção da sensação ou mortificação do corpo. O ponto essencial é que as ideias comuns de corpo e mente são ilusões, e o Zen evita praticar ritos, recitações e contemplações baseados na ideia de que corpo e mente existem realmente. É este o significado da afirmação escritural:

"Não existe olho, ouvido, nariz, língua, corpo ou mente."

Uma escritura diz:

"A iluminação não pode ser alcançada pelo corpo, nem pode ser alcançada pela mente. Isto porque tanto o corpo como a mente são como fantasmas."

Outra escritura diz:

"A budeidade não pode ser alcançada pela mente, a budeidade não pode ser alcançada pela matéria."

A mesma escritura também afirma que a budeidade não pode ser alcançada nem pelo corpo nem pelo intelecto.

As pessoas comuns atribuem a perceção aos sentidos, mas o Budismo fala de sentir independentemente dos órgãos sensoriais comuns. São aqueles que não estão familiarizados com este princípio que se perturbam com a afirmação de que a verdadeira prática Zen nada tem a ver com atos do corpo, da fala ou da mente.

Aplicação Mental Sem Mente

Os vários ensinamentos e práticas formais do Budismo são concebidos como expedientes para guiar as pessoas de acordo com as suas necessidades e potenciais individuais. São formulados para conduzir as pessoas ao domínio da iluminação e aplicados ao estado em que não-iluminação e iluminação já foram distinguidas.

O Zen, em contraste, visa o estado fundamental, anterior a essa distinção. Portanto, não admite práticas baseadas num dualismo já existente, mas aponta diretamente para a unidade primordial subjacente às dualidades fabricadas. Como disse o terceiro patriarca do Zen:

"É um erro aplicar a mente à mente."

O ensinamento abstruso do Zen consiste em:

"Nem esforçar-se nem negligenciar."

Não Fugir do Assunto

Quando as pessoas escrevem poesia, devem primeiro compreender o tema. Se adotares como tema a lua, não serve de nada pensar em flores. O mesmo se aplica ao Budismo.

Referindo-se ao fundamental, o ensinamento Zen diz que ele não é menor nas pessoas comuns nem maior nos sábios, que é inerente a todos e completo em cada indivíduo. Se as pessoas adotam o fundamental como tema mas depois imaginam que estão iludidas e tentam praticar algo para se tornarem iluminadas, então estão a afastar-se do tema.

Se as pessoas acreditam no fundamental, não devem agarrar-se à noção de que estão iludidas e procurar iluminação algures.

Contudo, enquanto não tiverem experimentado claramente aquilo que é fundamentalmente completo em todos, devem abandonar as suas noções existentes de distinção entre ilusão e iluminação e olhar diretamente para o fundamental, quer por si mesmas quer em associação com um mestre.

Nas histórias de iluminação dos antigos adeptos, não lemos acerca de alguém perguntar como aplicar a mente num esforço para concordar com o fundamental. Eles costumavam perguntar diretamente o que é Buda, o que é o Zen, de onde vêm os Budas, e assim por diante. Como as perguntas eram diretas, as respostas que suscitavam eram também diretas, fornecendo indicações imediatas do fundamental.

Estas indicações diretas e imediatas não pretendiam ser materiais de investigação nem lições de prática, mas pessoas que não as compreendiam costumavam aprofundá-las, por vezes durante muitos anos. Este processo de confronto sustentado com apontamentos para o fundamental poderia ser chamado prática ou treino, mas não é a mesma coisa que definir compreensão, prática e realização e depois cultivar várias contemplações.

Julgar as Palavras dos Adeptos

Fazer estudos críticos e julgamentos acerca das diferenças entre os enunciados dos adeptos iluminados constitui vaidade mundana e sofística

inútil. Isto surge da ignorância da verdadeira natureza e propósito dos ditos Zen.

Assombro

Os mestres Zen podem falar de maravilhar-se perante os kōans Zen, ou podem falar de não se maravilhar perante eles. Não existe um trilho fixo que os mestres Zen devam seguir.

Por vezes os mestres Zen dizem aos estudantes para olharem para os kōans interrogativamente; outras vezes dizem-lhes para não duvidarem. Em todos os casos, um mestre está a lidar diretamente com um estudante, não a falar em generalidades.

Os ensinamentos Zen não são doutrinas mantidas na mente pelos mestres. São produzidos espontaneamente na interface entre mestre e estudante. Não se deve tentar congelar ensinamentos momentâneos em teorias fixas.

Se os mestres Zen forem iluminados, o seu ensinamento pode assumir eficazmente qualquer forma. Se não forem iluminados, qualquer que seja a forma do seu ensinamento, ela acabará por cegar os seus estudantes.

Kōans

Por vezes os mestres Zen dão kōans aos estudantes para contemplarem; outras vezes retiram os kōans e fazem com que os estudantes os abandonem. Tudo isto é uma questão de método, não devendo ser padronizado.

Quando te tornas uno com um kōan, não existe ninguém a trazer à mente o kōan nem kōan algum a ser trazido à mente. Quando alcanças este estado, como poderá existir qualquer dualismo de dar e retirar, usar e não usar?

Dar e retirar são métodos temporariamente utilizados pelos mestres para estudantes que ainda não alcançaram esse estado. Não podem ser julgados através de sentimentos comuns.

Quando pessoas sem iluminação formulam interpretações literalistas dos kōans Zen e transmitem doutrinas fixas aos estudantes, isso constitui um grande erro. Tais pessoas foram criticadas pelos antigos mestres por prenderem as pessoas com dogmas.

Não nas Palavras

As indicações diretas do fundamental não contêm a sua intenção na expressão literal. Portanto, estudantes com faculdades aguçadas compreendem o significado para além das palavras. Nesse caso, como poderia haver qualquer discussão adicional acerca da formulação literal?

Estudantes mais lentos, que permanecem presos às palavras, descobrem que não conseguem compreendê-las intelectualmente. Enquanto a sua aspiração à iluminação permanecer inabalável, as suas mentes solidificam-se em assombro. Alguns podem atravessar este assombro em poucos dias; outros podem levar meses, anos ou até décadas.

Este assombro solidificado põe termo ao intelectualismo compulsivo, permitindo ao estudante romper em direção a um modo transconceptual de consciência. É por isso que os antigos mestres Zen diziam que existe grande iluminação onde existiu grande assombro.

As Origens da Prática dos Kōans

Os antigos mestres Zen não diziam aos estudantes para tomarem as suas palavras como kōans. Não lhes diziam para se maravilharem com as suas palavras nem para não se maravilharem com elas. Contudo, acabaram por surgir pessoas superficiais que interpretavam intelectualmente os ditos dos mestres e consideravam isso iluminação. Aqueles que não conseguiam compreendê-los aborreciam-se e desistiam.

Foi para ajudar pessoas assim que os mestres Zen chineses, a partir do século XI, estabeleceram o expediente de trazer um kōan à mente sem conceptualização. Mais tarde ainda, para aqueles incapazes de concentrar intenso assombro nos kōans, foram empregues métodos adicionais para fomentar o estado apropriado de investigação.

Atividade e Meditação

As pessoas que meditam sobre o fundamental executam as suas tarefas e atividades comuns no seio da meditação e realizam a meditação no seio das tarefas e atividades comuns. Não existe disparidade entre meditação e atividade.

Foi para aqueles que ainda não eram capazes disto, aqueles fracos em concentrar a sua intenção no Caminho, que foram estabelecidos períodos

especiais de meditação. A prática de meditar quatro vezes por dia nas comunidades Zen começou desta forma durante o século XII.

Antigamente, os mendicantes Zen meditavam vinte e quatro horas por dia. Mais tarde, contudo, existiram aqueles que se tornaram monges para evitar o incómodo de ganhar a vida no mundo comum. Os seus apetites distraíam-nos do Budismo e, quando participavam em rituais, a sua atenção afastava-se do fundamental. Como estas e outras coisas os impediam de trabalhar o fundamental, teriam desperdiçado as suas vidas se não tivesse sido concebido outro expediente. Esse expediente foi a regra de quatro períodos diários de meditação sentada.

Pessoas que realmente possuem as suas mentes no Caminho, pelo contrário, não esquecem o trabalho sobre o fundamental independentemente do que estejam a fazer. Contudo, se ainda distinguirem este trabalho das atividades comuns, mesmo enquanto fazem ambas as coisas em conjunto, naturalmente preocupar-se-ão em ser distraídas pelas atividades e esquecer o trabalho meditativo. Isto deve-se a ver as coisas como exteriores à mente.

Um antigo mestre disse:

"As montanhas, os rios, toda a terra, todo o conjunto dos fenómenos são todos o próprio eu."

Se conseguires absorver a essência desta mensagem, não existem atividades fora da meditação: vestes-te em meditação e comes em meditação; andas, permaneces de pé, sentas-te e deitas-te em meditação; percebes e conheces em meditação; experimentas alegria, ira, tristeza e felicidade em meditação.

Mesmo isto, contudo, continua a pertencer à esfera da realização e não constitui verdadeira fusão com a fonte do Zen.

A Razão para Ensinar o Desprendimento

Se for admitido que não existe distinção entre meditação e atividades comuns, então parece contraditório que o Zen e outras escolas do Budismo exortem os estudantes a abandonar as coisas e a manter distância dos objetos.

Um antigo mestre disse:

“O ensinamento não possui forma fixa; aquilo que encontras é a fonte.”

Os métodos de ensino utilizados pelos sábios para guiar os aprendizes não possuem forma nem aparência fixa. Como é um princípio geral de todas as escolas budistas universalistas que não existe discrepância entre Budismo e fenómenos mundanos, nenhum mestre genuíno poderia afirmar que existe prática budista fora dos acontecimentos e atividades.

Contudo, porque as pessoas que não compreendem isto entretêm ideias falsas acerca das coisas do mundo, os mestres Zen dizem-lhes expedientemente para renunciarem temporariamente às coisas, de modo a permitir-lhes libertarem-se das suas fixações.

Ajustamento ao Indivíduo

O pai do Buda era rei. Depois de o seu filho ter alcançado a budeidade e começado a atrair seguidores, o rei fez com que quinhentos membros do seu clã se tornassem monges e monjas.

Ao ouvir o Buda dizer aos seus seguidores para não adornarem as suas roupas nem os seus aposentos, um desses monges percebeu que não conseguiria seguir o Ensinamento porque, como membro de um clã real, estava habituado ao luxo.

O Buda fez com que um discípulo sénior fosse ao palácio real e obtivesse toda a espécie de ornamentos para decorar um lugar para esse monge, fazendo-o permanecer ali durante a noite. Como os seus desejos habituais de luxo tinham sido satisfeitos, os pensamentos errantes do monge cessaram espontaneamente e surgiu clareza de conhecimento. Na última parte da noite, alcançou a santidade.

O discípulo sénior ficou admirado com tudo aquilo e perguntou ao Buda acerca do assunto. O Buda disse:

“Existem aqueles cuja atenção ao Caminho é favorecida pelo adorno das roupas e das casas; para eles, tal adorno constitui um auxílio à iluminação. Por outro lado, existem aqueles cuja atenção ao Caminho é diminuída por roupas e mobiliário luxuosos; essas pessoas devem, portanto, acautelar-se contra tais coisas. A realização do Caminho e a obtenção dos seus frutos dependem inteiramente da mentalidade do praticante, sem relação necessária com coisas como roupas e habitações.”

Assim, para certas pessoas, o luxo não deve ser proibido como obstáculo à prática do Caminho. Mas quando pessoas cujas mentes não estão verdadeiramente voltadas para o Caminho da iluminação usam exemplos deste género para afirmar que a indulgência no luxo não constitui obstáculo à iluminação, estão iludidas.

Paisagismo

Desde a antiguidade, existiram muitas pessoas que mandaram construir paisagens especiais para o seu deleite. Embora o estado de espírito possa ser semelhante, existem aqui diferenças de interesse.

Algumas pessoas não se preocupam particularmente com paisagismo em si mesmo, mas possuem-no para adornar as suas casas, impressionar outras pessoas e receber os seus elogios.

Algumas pessoas são cobiçosas em geral e colecionam rochas e árvores invulgares como parte de um passatempo. Tais pessoas não apreciam realmente a beleza da paisagem; apenas gostam de objetos mundanos.

Um famoso poeta chinês construiu um pequeno lago e plantou bambu junto dele, encontrando nisso grande deleite. Escreveu:

"Porque o coração do bambu é aberto, ele é meu companheiro; porque a natureza da água é pura, ela é minha mestre."

Se as pessoas apreciam a paisagem no mesmo espírito desse poeta, não são meros sensualistas mundanos.

Existem também aqueles que, por natureza, são simples e desapegados, que não se preocupam muito com coisas mundanas mas apenas cultivam as suas mentes escrevendo poesia e recitando-a em ambientes naturais. Estes são os estetas. Contudo, mesmo isto, sem vontade de iluminação, transforma-se numa rotina mundana.

Por outro lado, algumas pessoas voltam-se para montanhas e rios para despertar do torpor, clarificar os seus pensamentos e ajudá-las a praticar o Caminho. O seu interesse não é o mesmo das pessoas comuns que apreciam a paisagem. Devem ser respeitadas, mas enquanto estabelecerem uma distinção entre a paisagem e a prática do Caminho, não podem ser chamadas verdadeiros Peregrinos do Caminho.

Pessoas que acreditam que as montanhas, rios, terra, plantas, árvores e pedras são todos o Eu fundamental podem aparentar apreciar a paisagem através de sentimentos mundanos, mas existem aqueles que acabam por transformar esses sentimentos mundanos em vontade de iluminação e fazem das mudanças das nascentes, rochas, plantas e árvores ao longo das quatro estações trabalho meditativo. É assim que os Peregrinos do Caminho apreciam a paisagem.

Portanto, não é necessariamente mau gostar de paisagens, nem necessariamente bom. Não existe positivo nem negativo na própria paisagem; ganho e perda encontram-se nas atitudes das pessoas.

Zen, Chá e as Artes

Na China, o chá é bebido por razões de saúde. Tal como uma sobredosagem de medicamento causa problemas, o chá não deve ser consumido em excesso.

Antigamente, o chá era valorizado como estimulante para afastar a sonolência e ajudar as pessoas a estudar. O fundador do Zen no Japão também apreciava o chá pelo seu efeito estimulante, para ajudar as pessoas a praticar o Caminho.

Mais tarde, contudo, o uso do chá para fins de saúde ou estudo deu lugar a um uso frívolo e excessivo. Isto criou também despesas adicionais e levou à negligência do Budismo.

O gosto pelo chá pode, em si mesmo, ser exatamente o mesmo; contudo, o facto de ser benéfico ou prejudicial depende da atitude do indivíduo.

Este princípio aplica-se também às artes. O propósito original das artes é afinar e refinar a mente. Contudo, uma vez que se tornam objetos de apego pessoal, a sua ação refinadora perde-se e transformam-se em ocasiões para perversão e corrupção.

É por esta razão que os mestres budistas por vezes dizem que não existe maneira de meditar fora das atividades da vida, e por vezes encorajam as pessoas a pôr as atividades de lado para meditar.

Poderes Supranormais dos Iluminados

As pessoas perguntam-se se os iluminados possuem necessariamente poderes supranormais. O facto é que até feiticeiros e mágicos sem qualquer conceito de libertação também podem aprender a operar poderes supranormais, pelo que a presença de tais poderes não indica, por si só, iluminação. Mesmo santos budistas com poderes supranormais não são considerados plenamente iluminados antes de realizarem a totalidade do ensinamento.

Existe um antigo dito budista:

"Mesmo que possuas todos os poderes supranormais, deves saber que ainda existe mais um poder."

Esse "mais um poder" existe em todos os seres; todas as capacidades, perceções e atividades dependem desse poder. Ignorando isto, as pessoas comuns procuram externamente poderes mundanos. A absorção no tesouro universal de luz de que falam as escrituras é a luz espiritual inerente a todos os seres vivos. Todas as auras, conhecimentos e poderes dos Budas provêm desse tesouro de luz; toda a perceção e discernimento são funções dessa luz.

Deixar Ir

Pensar que a prática Zen significa abandonar toda a compreensão constitui um grande erro. Como disse um antigo:

"Não pode ser procurado conscientemente, contudo não pode ser encontrado na inconsciência; não pode ser alcançado pelas palavras, contudo não pode ser compreendido pelo silêncio."

Mesmo entre os estudantes Zen existem aqueles que fazem interpretações literais dos antigos ditos acerca do desapego e pensam que a mensagem do Zen consiste em ignorar todo o significado e princípio, não definir distinções em estádios e não manter nem o Budismo nem as realidades mundanas na mente. Os antigos ridicularizavam isto, chamando-lhe "Zen da pá", porque uma pá é usada para escavar coisas, representando o equívoco de que o ensinamento Zen consiste em abandonar toda a compreensão.

O Solo Fundamental

O solo fundamental é um termo aplicado provisoriamente ao ponto onde ilusão e iluminação ainda não estão diferenciadas, ao qual não se

aplicam nomes ou descrições mundanas, e que nem mesmo os ensinamentos transmundanos alcançam.

Este estado é também chamado o único grande assunto, o rosto original e o mestre interior. Estes são apenas nomes provisórios, estabelecidos para induzir pessoas confusas a ver a realidade.

Natureza de Buda

O Budismo fala do solo da mente, ou da natureza de Buda, no contexto da divisão entre pessoas comuns e Budas. Isto não é o mesmo que a definição Zen do solo fundamental, que é anterior à divisão entre pessoas comuns e Budas.

Contudo, uma vez realizado o solo fundamental, então a natureza de Buda, o solo da mente, a matriz da realização da talidade, a verdadeira talidade, a natureza da realidade e até os objetos vistos pelas pessoas comuns tornam-se todos o solo fundamental.

Onde Está?

Um antigo disse:

"Está sempre presente, exatamente onde tu estás; se o procuras, obviamente não o vês."

O solo fundamental não está dentro do corpo e da mente, nem está fora do corpo e da mente. Também não se pode dizer que o corpo-mente total seja o solo fundamental.

Não pertence às categorias de senciência ou insenciência, não é o conhecimento dos Budas e dos santos. O conhecimento dos Budas e dos santos, assim como os corpos e mentes dos seres sencientes e até os seus mundos e terras, tudo provém disto; é por isso que é provisoriamente chamado o solo fundamental.

O *Sutra do Diamante* diz:

“Os Budas e o ensinamento dos Budas da iluminação suprema perfeita provêm todos desta ‘escritura’.”

Esta perceção adamantina é o solo fundamental.

O *Sutra da Iluminação Completa* diz:

“Toda a verdadeira talidade pura, iluminação, nirvana e os caminhos transcendentes fluem da consciência completa.”

Esta consciência completa é o solo fundamental.

Alcançar o Solo Fundamental

Como o solo fundamental não é nem uma característica do mundo nem um fenómeno transmundano, muitas pessoas que desejam praticar Zen perguntam-se como pode ele ser alcançado. Contudo, esta própria pergunta indica falha em digerir as implicações do termo “fundamental”.

Alcançar o Solo Fundamental

Se associares o fundamental a uma arte mundana, então perguntar-te-ás que habilidade ou técnica deverás aprender para o atingir. Se supuseres que o fundamental é um fenómeno transmundano, então perguntar-te-ás como poderás realizá-lo sem conhecimento.

Uma vez ouvido falar daquilo que não é nem uma coisa mundana nem uma coisa transmundana, é insensato perguntar como alcançá-lo. Alcançar o solo fundamental não é algo como ir do campo para a cidade ou de uma terra para outra. Na realidade, é como despertar de um sonho. Todas as perguntas acerca de onde está o solo fundamental e de como chegar lá fazem parte do sonho, surgindo dos pensamentos de um sonho dentro de um sonho.

Mesmo que ainda não tenhas despertado, se perceberes que as tuas perceções e atividades são todas como sonhos e as observares com desapego, sem produzir discriminação de apego e rejeição, então isto é praticamente equivalente a despertar do sonho; pelo menos, pode dizer-se que acreditas na existência da realidade.

No solo fundamental não existe sinal de ordinariedade ou santidade, nem pureza ou impureza. Por causa do “sonho” da consciência condicionada pelo hábito inconsciente, pureza e impureza aparecem no meio da ausência de forma, e vêem-se distinções entre o comum e o

sagrado no meio do não-criado. Quando pensas que és um mortal comum, corres atrás de honra e ganho, desapontando-te se não os obténs. Quando pensas que és sábio, desprezas toda a gente e desenvolves uma atitude arrogante. Quando és enganado por tais ilusões, nem sequer acreditas na existência de um solo fundamental de paz e felicidade, quanto mais experimentá-lo.

O *Sutra da Iluminação Completa* diz:

"As pessoas confundem os elementos materiais com os seus próprios corpos e tomam os reflexos dos objetos dos seis sentidos como as suas próprias mentes. Isto é como olhos doentes verem flores no céu ou uma segunda lua. É por isso que perseguem arbitrariamente as rotinas repetitivas pelas quais vivem e morrem. Isso chama-se ignorância. A ignorância não possui substância real; é como ver alguém num sonho. Não é que não exista presença, mas ao despertar essa pessoa já não está lá."

O *Sutra do Progresso Heróico* diz:

"A essência subtil é clareza completa para além de todo o nome ou descrição. Originalmente não existem mundos nem seres sencientes."

Todas as escrituras budistas universalistas falam neste tom; porque duvidar disto e, em vez disso, desgastar corpo e mente em buscas externas?

Mente e Eu

Na filosofia indiana conhecida como Sāṃkhya, tudo no mundo é classificado em vinte e cinco realidades. A primeira é chamada Realidade Desconhecida. Antes da divisão entre céu e terra, não pertencendo ao reino do bem nem do mal, para além do alcance da perceção e cognição — é apenas chamada Realidade Desconhecida por falta de termo melhor. É eterna, não afetada por mudança e decadência.

A vigésima quinta realidade chama-se Realidade do Eu Espiritual. As vinte e três realidades entre a primeira e a vigésima quinta são as formas das várias mudanças boas e más, chamadas fenómenos compostos. Se o eu espiritual produz sentimentos de bem e mal, a Realidade Desconhecida muda para manifestar aparências correspondentes. Se o eu espiritual produz ideias como comprido e curto, redondo e quadrado, a Realidade Desconhecida muda para manifestar tais formas.

Assim, todas as coisas compostas e mutáveis do mundo dependem da produção de sentimentos pelo eu espiritual. Se o eu espiritual não produz sentimentos e regressa à Realidade Desconhecida, a mutação dos compostos cessa para sempre e segue-se paz e felicidade sem esforço. Mesmo que o corpo material morra, o eu espiritual é eterno e imperecível.

A visão acima é rejeitada pelos budistas realizados. Existem taoístas, contudo, que partilham filosofia semelhante. O "Nada" de Lao-Tsé e o "Grande Tao Não-Forçado" de Chuang-Tsé correspondem à Realidade Desconhecida.

Alguns seguidores do Budismo também se apegam a semelhante visão. Segundo o *Sutra da Iluminação Completa*:

"Quando uma joia reflete cinco cores, os tolos pensam que a própria joia é realmente multicolorida. Da mesma forma, quando as formas do corpo e da mente aparecem temporariamente na natureza pura da consciência completa, os ignorantes iludem-se pensando que realmente possuem essas características físicas e mentais. É por isso que corpo e mente são chamados impureza ilusória."

Um grande mestre antigo disse:

"A perda da riqueza espiritual e a ruína da virtude provêm invariavelmente da mente, do intelecto e da consciência."

Um mestre Zen clássico disse:

"A razão pela qual os estudantes do Caminho não conhecem o Real é terem reconhecido demasiado tempo o espírito consciente."

Quando principiantes praticam pela primeira vez a chamada meditação Zen do olhar interior, ao perceberem a consciência informe, ilimitada e radiante da mente, pensam que isto é o "mestre interior" ou o "rosto original". Os antigos mestres Zen ridicularizavam esta crença chamando-lhe "brincar com o espírito" e "reconhecer o espírito consciente". O *Sutra da Iluminação Completa* também se refere a isto como "tomar um ladrão pelo próprio filho".

Buda disse que todos os mundos são apenas uma mente, que não existe nada fora da mente. Existem diferentes interpretações acerca do significado da expressão "uma mente".

Pessoas dos pequenos veículos do Budismo supõem que o pensamento da consciência conceptual é a "uma mente". No Grande Veículo, duas consciências mais subtis são reveladas. Como o ensinamento afirma que todos os fenómenos são transfigurações de oito tipos de consciência, as pessoas pensam que a afirmação de que todos os mundos são mente se refere à oitava consciência, chamada consciência-armazém, ou o chamado monarca da mente. Alguns definem ainda uma nona consciência e dizem que todos os fenómenos são manifestações da consciência conforme as condições, sendo esta a razão pela qual todos os mundos são chamados uma mente.

Os estudantes dos pequenos veículos não conhecem a consciência subtil da mente; assim, enquanto pensamentos de apego e discriminação não surgem relativamente aos objetos, pensam que isso é o último.

Quanto aos estudantes do Grande Veículo, existem aqueles que pensam que a mente original consiste em não se envolver na discriminação dos objetos, mas apenas ver montanhas como montanhas e rios como rios, sem apego ao certo e errado ou ao bom e mau. Isto, contudo, é o elemento das cinco consciências sensoriais primárias dentro da consciência conceptual; não é a mente original.

A realidade da mente é inconcebível. Estender-se através do universo não a estica, e entrar num objeto minúsculo não a aperta. Está para além de todas as formas, contudo contém todas as formas. Está impregnada de virtudes ilimitadas, contudo não se encontra dentro das suas próprias virtudes ilimitadas. Portanto, nem sequer podes dividir verdadeiro e falso; muito menos falar de grosseiro e subtil.

Contudo, enquanto estiveres confuso ou iludido, o verdadeiro e o falso não são iguais, o grosseiro e o subtil não estão ao mesmo nível. Apesar deste facto, quando pessoas que ainda não se libertaram de visões confusas e ilusórias ouvem ditos como "A própria mente é Buda", interpretam-nos literalmente no sentido de que sentimentos e emoções arbitrários são eles mesmos a mente-Buda. Embora o dito pareça budista, a interpretação é falsa. Isto foi explicado em muitos textos budistas precisamente para tais pessoas.

Mesmo que não estejas iluminado, desde que compreendas claramente o princípio, dificilmente cometerás o erro de “tomar um olho de peixe por uma pérola”.

Por causa da sua formação superficial, pessoas de épocas posteriores que estudavam doutrinas budistas pensavam que o ponto supremo consistia em aprender as passagens que expunham o princípio da mente na literatura das várias escolas; elas próprias, contudo, não realizavam a fonte da mente.

Pessoas que entram no Zen pensam que tudo isto é conversa doutrinária e supõem que praticantes Zen não deveriam estudá-lo. Se genuinamente abandonares tanto as ilusões mundanas como os ensinamentos transcendentais e verdadeiramente te dirigires para a iluminação insuperável — é isto que o Zen encoraja. Constitui erro, contudo, evitar estudar escrituras e apenas seguir as próprias imaginações e ideias para reconhecer o espírito consciente, confundindo-o com a mente original.

Mente Verdadeira e Falsa

É difícil dar uma definição simples da distinção entre verdadeiro e falso. É erro dizer que a mente verdadeira e a mente falsa são a mesma coisa, e contudo também é erro dizer que são diferentes.

Suponhamos que pressionas o globo ocular com o dedo, fazendo-te ver uma imagem duplicada, como uma segunda lua ao lado da lua real. Ora, essa segunda lua é apenas vista por causa da pressão do dedo sobre o olho; não existe realmente uma segunda lua ao lado da lua verdadeira.

Isto não significa, contudo, que se não quiseres ver uma segunda lua devas livrar-te da lua falsa e ver a lua real. Se simplesmente removeres o dedo que pressiona o olho, não existe qualquer outra lua ao lado da lua original. Se tentares livrar-te da segunda lua sem remover o dedo do olho, nunca conseguirás.

Existem pessoas que pensam não existir lua real separada desta segunda lua, apaixonando-se por ela. Isso também constitui grande erro.

Aqueles que não pressionam os olhos não veem segunda lua para começar; como poderia então haver debate acerca de eliminar ou não a segunda lua? Assim, a questão da igualdade ou diferença entre mente

verdadeira e falsa surge por causa de pressionar o olho do fundamental com o dedo da confusão.

Duas Bases

No *Sutra do Progresso Heroico*, Buda diz:

"A razão pela qual as pessoas estiveram desnecessariamente sujeitas a rotinas repetitivas desde tempos sem princípio é terem perdido a sua mente original e pensarem que a mente conceptual e cognitiva é a sua própria mente. Portanto, mesmo que pratiquem o ensinamento do Buda, como ignoram as duas bases e praticam erroneamente, caem em estados aberrantes.

A primeira das duas bases é a essência pura original da subtil luminosidade da consciência fundamental. Esta é a fonte das mentes de todos os seres. Eles esqueceram esta base.

A segunda é a base da rotina repetitiva sem princípio. Esta é a tua ideia de que cogitação e conceptualização são a tua própria mente. Se cultivares prática espiritual com esta mente, pode tornar-se outra atividade rotineira, mas não te levará à fonte, tal como ferver areia não produzirá arroz, por mais tempo que a cozinhes; obterás apenas areia quente, não arroz."

No *Tratado sobre Parar e Ver Segundo o Grande Veículo* do Mestre Huisi lê-se:

"Existem dois tipos de características da mente. Uma é real, a segunda é falsa. A substância da mente real é talidade tal como é; completamente pura e perfeitamente completa, permeia tudo e produz todas as coisas. A mente falsa é cognição discriminatória sem substância real, mas que produz falsidades."

A Mente Condicionada e a Mente Natural

Todos os fenómenos materiais e mentais possuem distinção entre o condicionado e o natural. Manifestações temporais surgidas da combinação de factores chamam-se condicionadas. Qualidades essenciais inerentes à matriz da realização da talidade chamam-se naturais.

O fogo condicionado não possui substância real, contudo desempenha a sua função sob condições apropriadas. Quando usado corretamente, o

fogo traz grandes benefícios, como afastar o frio e cozinhar alimentos. Quando usado descuidadamente, produz grandes danos, como incendiar casas e destruir bens. Ensinar as pessoas a usar corretamente o fogo é, portanto, benéfico para o mundo.

Mesmo que uses o fogo segundo instruções, contudo, ainda não conheces o fogo essencial natural e sempre presente. Se quiseres conhecer este fogo essencial, precisas evitar fixar a atenção nos danos e benefícios do fogo condicionado.

O mesmo é verdade quanto à realidade da mente. Embora a mente ilusória condicionada não possua substância real, se faz o mal cai em tendências negativas e sofre toda a espécie de miséria, e se faz o bem reconstitui-se em estados positivos e experimenta toda a espécie de felicidade. Mesmo entre pessoas comuns e sectários existem aqueles que, realizando este princípio, restringem a mente de fazer qualquer mal. Ainda que possam nascer temporariamente em estados agradáveis através do treino da mente condicionada, enquanto não conhecerem a mente original não poderão evitar rotinas compulsivas.

Mesmo santos e sábios que apenas reformaram os erros da mente ilusória e os transformaram em conhecimento ilusório, sem alcançar acordo com a mente original, não estão livres da mudança. Isto é como usar corretamente fogo condicional; é por isso que os sutras da *Iluminação Completa* e do *Progresso Heróico* explicam a existência de fogo essencial separado do fogo condicionado, a existência de mente separada da mente condicionada.

Nos ensinamentos das escolas budistas não-Zen fala-se de produzir temporariamente conhecimento ilusório para pôr fim à confusão ilusória, alcançando depois espontaneamente acordo com o fundamental. Mesmo os sutras da *Iluminação Completa* e do *Progresso Heroico* dizem que após produzir conhecimento ilusório para eliminar confusão ilusória se deve atingir um estado não-ilusório onde objeto e conhecimento são ambos esquecidos.

Algumas pessoas que estudam Budismo pensam que esta conversa acerca de conhecimento ilusório é a intenção fundamental dos Budas e mestres Zen. O *Sutra da Iluminação Completa* diz:

“À medida que o corpo ilusório desaparece, a mente ilusória também desaparece; à medida que a mente ilusória desaparece, os objetos ilusórios também desaparecem. À medida que os objetos ilusórios desaparecem, o próprio desaparecimento ilusório também desaparece. Quando o desaparecimento ilusório desaparece, o não-ilusório não desaparece. É como polir um espelho; quando a sujidade desaparece, surge a claridade. Corpo e mente são ambos sujidade ilusória; quando a sujidade desaparece, tudo é claro e puro.”

Algumas pessoas que interpretam mal esta passagem e que ainda não realizaram a mente original pensam que extinguir corpo e mente e permanecer vazio e silencioso é o verdadeiro Budismo. Isto é o transe de extinção dos pequenos veículos de salvação individual e o transe sem imagens dos hindus. É como ouvir que o fogo condicional não é o verdadeiro fogo e então imaginar que o fogo real é a escuridão resultante da extinção de todo o fogo condicional.

Mente e Essência

Diz-se que o fundador do Zen veio da Índia para a China, onde não estabeleceu escritos mas apontou diretamente para a mente para que as pessoas vissem a sua essência e realizassem a iluminação. Os ensinamentos do Mahāyāna afirmam todos que a própria mente é Buda. Porque se diz então que se alcança a budeidade vendo a essência, em vez de dizer que se alcança a budeidade vendo a mente?

Certa vez alguém perguntou a um grande mestre Zen chinês acerca da distinção entre mente e essência. O mestre disse:

“Quando faz frio, a água congela em gelo; quando aquece, o gelo derrete em água. Do mesmo modo, quando estás confuso, a essência congela em mente; quando estás iluminado, a mente derrete em essência. Mente e essência são a mesma coisa, mas diferem conforme confusão e iluminação.”

Embora tenha sido produzida por um grande mestre Zen, esta explicação da distinção entre mente e essência também é temporária e não deve ser tomada demasiado literalmente.

Existem muitos significados para a palavra essência. Três significados são provisoriamente explicados no Budismo.

Mente e Essência

Um significado é o de invariabilidade. As essências da pimenta e da erva-doce, por exemplo, são diferentes; a pimenta não é doce, a erva-doce não é picante.

O segundo significado é o de distinção. Refere-se às naturezas distintas dos seres animados e inanimados.

O terceiro significado é o de essência real. Refere-se à fonte fundamental de todos os fenómenos, à essência inerente não-dual.

O Zen é uma transmissão especial fora da doutrina. Embora falemos de ver a essência, isso não significa a essência real tal como é falada nas escolas baseadas em doutrina. Aquilo que é fundamental em cada ser humano não pode ser chamado mente nem pode ser chamado essência. Contudo, usando estas palavras mente e essência para levar as pessoas a conhecer o fundamental, por vezes falamos de uma mente e por vezes falamos de uma essência.

Na expressão "Apontar diretamente para a mente humana, ver a sua essência e realizar a iluminação", usamos a palavra essência em vez de mente para deixar claro que aquilo que as pessoas comuns e confusas pensam ser mente é como uma segunda lua.

Mesmo quando dizemos "ver a essência", isso não significa vê-la com os olhos. Nem deve ser compreendida pela mente e pela consciência. Alcançar a iluminação não significa beatificação nem irradiar uma aura de luz; é como um homem bêbado voltar a si. Quando a confusão e a ilusão cessam subitamente e encontras o fundamental diretamente, isto chama-se ver a essência e realizar a iluminação.

Um grande mestre Zen disse:

"Mestres Zen sem olhos cometem todos o erro de apontar para a mente humana, dizendo que ela é essência e afirmando que isto é levar as pessoas a realizar a iluminação."

Existem mestres que apenas explicam os significados e princípios de mente e essência e pensam que ensinar isto aos outros é "apontar diretamente". Alguns estudantes pensam que compreender estas doutrinas é alcançar a verdade. Isto deveria chamar-se explicar a essência, não ver a essência.

Irrealidade e Realidade nas Coisas

Algumas escrituras budistas dizem que todas as coisas são irreais, enquanto outras dizem que todas as coisas são características eternas da realidade. No fundamental, contudo, não existe sinal de permanência nem sentido de irrealidade. Apesar disso, diz-se que as coisas são irreais da maneira como as pessoas comuns as veem, mas eternas como os santos as veem.

Alguém verdadeiramente iluminado, contudo, não possui nem a visão do mortal comum nem a visão do santo. Isso significa que toda a conversa acerca de irrealidade ou eternidade é método expedito.

No Lankavatara Sutra, um hindu pergunta a Buda:

"São todos os fenómenos impermanentes?"

Buda responde:

"A tua pergunta é sofística mundana."

O hindu então pergunta:

"São então todas as coisas eternas?"

Buda responde:

"Essa pergunta também é sofística mundana."

No Vimalakirti Sutra lê-se:

"Não uses a mente flutuante para discutir as características da realidade."

Se as pessoas falam sobre o significado do carácter real das coisas sem mudar as suas visões convencionais, tudo isso é sofística.

Isto é o que significa o dito:

"Se a pessoa errada prega um ensinamento correto, até um ensinamento correto se torna errado. Se a pessoa certa expõe um ensinamento errado, até um ensinamento errado se torna correto."

Visões Ordinárias e Espirituais

Existem várias descrições de visões ordinárias e espirituais nos ensinamentos budistas. No Heroic Progress Sutra, por exemplo, existe uma explicação de sete elementos universais. Estes elementos são terra, água, fogo, ar, espaço, sentidos e consciência. Estes sete elementos universais, como qualidades inerentes da matriz de realização da talidade, permeiam livremente o cosmos. Chamam-se fogo essencial, ar essencial, e assim por diante.

O Budismo Shingon ensina que seis elementos universais omnipervasivos formam a substância de todos os fenómenos. Esta é a mesma ideia dos sutras, embora a doutrina Shingon não fale do elemento universal dos sentidos. O elemento universal dos sentidos refere-se aos seis sentidos permeando o cosmos.

No Budismo Shingon, os seis elementos universais são considerados o corpo do cosmos. No Heroic Progress Sutra, a matriz de realização da talidade é considerada o corpo do cosmos, explicando-se que os sete elementos universais são qualidades e funções inerentes nessa matriz. Ambos são ensinamentos expedientes de Buda.

Embora o Shingon fale de seis elementos universais, isto não se refere a água e fogo condicionados, e assim por diante; trata-se do fogo essencial, água essencial, e assim sucessivamente, tal como é falado no Heroic Progress Sutra. Os quatro mandalas do Budismo Shingon referem-se a todos os fenómenos condicionados. Assim, os seis elementos universais chamam-se substância, os quatro mandalas chamam-se forma e os três mistérios chamam-se função.

Em cada um dos sete elementos universais existe distinção entre qualidade inerente e surgimento condicionado. Se compreenderes completamente primeiro um elemento, os outros também serão compreendidos.

O fogo produzido no mundo, por meios como furar madeira ou produzir faíscas de pedra, é fogo condicionado. Este fogo é insubstancial; não pode arder sem algum tipo de combustível. Quando as condições apropriadas estão presentes, como combustível, o fogo aparece temporariamente; por isso se diz que é insubstancial. Em todas as escrituras budistas, exotéricas e esotéricas, afirma-se unanimemente que os

fenómenos produzidos condicionalmente não possuem substancialidade real.

Quanto ao fogo essencial, ele permeia o cosmos, sem arder nem extinguir-se.

As pessoas comuns veem apenas o fogo condicional e não conhecem o fogo essencial. Se conheceres o fogo essencial, não precisas rejeitar o fogo condicionado, porque o fogo condicionado é função do fogo essencial.

Os outros elementos universais são como o elemento fogo, incluindo o elemento universal da consciência, que é a consciência mental dos seres sencientes. Também aqui aquilo que as pessoas comuns geralmente pensam ser mente é na realidade mente condicionada. Esta mente condicionada não possui substância real; apenas apresenta aparências temporárias de perceção e cognição devido às condições dos campos de dados associados aos seis sentidos.

Isto é como o fogo condicional arder temporariamente devido à presença de combustível.

As pessoas ignorantes conhecem apenas a mente condicionada e não conhecem a mente essencial. A mente falada nos livros não-budistas e nos ensinamentos budistas dos pequenos veículos é a mente condicionada. Mesmo a doutrina do Grande Veículo acerca da oitava consciência ainda se encontra no domínio da mente condicionada. É por isso que uma nona consciência é definida no veículo supremo definitivo, para indicar o elemento universal da consciência como qualidade inerente.

Todos os fenómenos são mentais ou materiais. Entre os sete elementos universais, o elemento da consciência é mental, os outros seis são materiais. Contudo, como os sete elementos interpenetram livremente na matriz de realização da talidade, não existe distinção entre matéria e mente. Isto chama-se verdadeiro cosmos, reino da realidade.

Embora não exista distinção, matéria e mente não estão misturadas. Portanto, a realidade material não consiste nas formas e aparências que aparecem e desaparecem, florescem e murcham; a realidade mental não possui mudanças de movimento e quietude, ativação e extinção. Este é o sentido em que as escrituras dizem que as características reais de todas as coisas são permanentes.

Quando pessoas comuns desenvolvem falsas visões, a matriz de realização da talidade manifesta aparências de fenómenos materiais e mentais em conformidade com essas falsidades. Como as falsas visões das pessoas comuns flutuam, também perceções e fenómenos possuem aparências mutáveis. É como viajar num barco rio abaixo e parecer que a margem se move. É também como uma profusão de flores aparecer no céu a olhos enevoados. Este é o sentido em que as escrituras dizem que todos os fenómenos são irreais.

Assim, por vezes diz-se que todas as coisas são irreais, outras vezes que todas as coisas são eternas. As afirmações podem diferir, mas os fenómenos em si são os mesmos. Aqueles que não conhecem a intenção de Buda agarram uma afirmação e rejeitam a outra, segundo a diferença de formulação. Tudo isso é sofística mundana.

Quando alguém com olhos enevoados e alguém com olhos claros estão no mesmo lugar diante do espaço aberto, um turbilhão de flores aparece ao de olhos enevoados, enquanto o de olhos claros vê exatamente o mesmo lugar como espaço aberto. Este é o sentido em que se diz que aflição é iluminação, samsara é nirvana, e o estado de eternidade, o inefável, nada mais é do que o estado original.

Ditos que se referem às aparências presentes como Tao e às próprias coisas como realidade também apontam para esta perspetiva. Constitui grande erro compreender isto como significando que se alcança o conhecimento e visão dos Budas enquanto ainda se mantêm as visões das pessoas comuns. Porque razão seriam então estabelecidas disciplinas religiosas especiais?

Distinções no Ensino Budista

Na realidade absoluta não existem distinções entre veículos maiores e menores nem entre ensinamentos temporários e verdadeiros. Contudo, devido às diferenças na inteligência dos estudantes, existem distinções nos ensinamentos que compreendem.

O Lotus Sutra diz:

“Embora o ensinamento do Buda seja um, porque as naturezas e inclinações dos seres sencientes diferem, também diferem os caminhos da verdade que compreendem. É como a mesma chuva cair do céu e ser

absorvida diferentemente por plantas e árvores conforme o tamanho das suas raízes e caules, ramos e folhas."

As Escolas do Zen

A razão da divisão do Zen em cinco escolas não foi existirem tantos níveis de realização; foi devido às diferenças nos métodos usados para guiar estudantes ao fundamental.

Por vezes mestres Zen falam do princípio último, por vezes demonstram chaves de potencial. Isto não são interpretações intelectuais ou sentimentais; chamam-se as barreiras dos fundadores do Zen.

Um grande mestre Zen chinês disse:

"Mesmo que as pessoas tenham verdadeiro despertar e verdadeira realização, enquanto não tiverem compreendido toda a verdade, cegam os outros quando lhes expõem a sua realização pessoal."

Certa vez um funcionário do governo visitou um mestre Zen e perguntou acerca das maneiras de ensino Zen. O mestre disse:

"As maneiras da nossa escola não são subjetivamente compreensíveis. Contudo, a ideia geral pode discernir-se num certo poema acerca de uma bela mulher, escrito por uma mulher:

'Tentando sem sucesso retratar a cena,
No seu quarto expõe a sua tristeza.
Embora chame a criada vezes sem conta, não há assunto algum;
Ela apenas quer que o seu homem reconheça a sua voz.'"

O homem da mulher é o seu amante secreto, que vem até ela furtivamente. Quando ele se aproxima do lugar onde ela vive, a mulher quer deixá-lo saber que está no seu quarto, mas teme mexericos; assim continua a chamar a criada, não porque exista algo a fazer, mas apenas para que o homem saiba, pelo som da voz dela, que ela está no aposento.

As maneiras das cinco escolas Zen são também assim; críticas literárias das palavras usadas para "chamar a criada" falham a intenção original dos mestres Zen.

Louvor e Censura no Zen

Quando mestres Zen autênticos elogiam e censuram uns aos outros, isso também são métodos de “chamar a criada”. Não é o mesmo que fazer avaliações baseadas em sentimentos humanos e apegos egocêntricos.

Ensinamentos Expedientes

Do ponto de vista Zen, todos os ensinamentos de Buda são métodos de “chamar a criada”. Por vezes dizia que todas as coisas são impermanentes, outras vezes dizia que todas as coisas são eternas. Por vezes dizia que todas as coisas são irreais, outras vezes dizia que todas as coisas são características da realidade. Por vezes dizia que todos os escritos não são ensinamento iluminado, outras vezes dizia que toda verbalização é o corpo da realidade.

A intenção fundamental de Buda não está em quaisquer dessas afirmações, mas pessoas ignorantes da intenção de Buda escolhem palavras que se adequam aos seus sentimentos subjetivos e acreditam que essas são a intenção fundamental de Buda.

Um sutra diz:

“Quando o espírito do fogo entra na água, a água também se torna fogo. Quando o espírito da água entra no fogo, o fogo também se torna água.”

É assim com o Budismo: quando visto com o olho do Zen, os ensinamentos doutrinários também se tornam a mensagem do Zen; quando vistos com o olho das doutrinas, a mensagem do Zen e os ensinamentos doutrinários não diferem.

Isto é verdade não apenas quanto à distinção entre doutrina e Zen; também é verdade relativamente ao Budismo e às coisas do mundo. Quando a compreensão penetrante do Budismo se abre, as características do mundo tornam-se todas ensinamentos budistas. Enquanto não escapaste aos sentimentos mundanos, até aquilo que compreendeste como o mais profundo dos princípios subtis continua a ser uma coisa mundana.

Zen e Doutrina

As escolas doutrinárias do Budismo definem os ensinamentos budistas variadamente como adaptados aos outros ou como estando de acordo com a própria intenção de Buda. Quando mestres Zen usam esta distinção, trata-se apenas de um método de “chamar a criada”, não de um dogma fixo. O que

podem dizer hoje é falado segundo a intenção do próprio Buda; o que podem dizer amanhã é adaptado aos outros.

Isto também se aplica a ensinamentos como “estratégia superficial” e “segredo profundo”, “expressão verbal de apegos arbitrários” e “expressão verbal em conformidade com o significado”. Um antigo disse:

“A mensagem do Zen não é como os ensinamentos das escolas doutrinárias, em que um pé é um pé e dois pés são dois pés.”

Buda não se chamou nem mestre da doutrina nem mestre do Zen; os seus ensinamentos também não podem realmente ser divididos em parte doutrina e parte Zen. Isso acontece porque a experiência interior dos Budas não é nem doutrina nem Zen. As distinções entre doutrina e Zen são criadas pela função dessa experiência interior à medida que responde às circunstâncias.

Diz um sutra:

“Buda fala a verdade com uma só voz, enquanto os seres sencientes a interpretam diferentemente, segundo o seu tipo.”

Embora houvesse diferenças de compreensão durante a vida de Buda, não existia divisão entre seguidores do Zen ou meditação e seguidores da doutrina.

Depois da morte de Buda surgiu a divisão entre Zen e doutrinas; as doutrinas incluíam várias escolas, exotéricas e esotéricas, enquanto o Zen se diferenciou em cinco casas.

A razão disso foi que pessoas de grande conhecimento e elevada virtude, sucessores do ensinamento de Buda, estabeleceram primeiro expedientes de acordo com as naturezas e inclinações de pessoas com diferentes compreensões, para lhes transmitir a mensagem básica de Buda.

Alguns tornaram-se mestres da doutrina, outros tornaram-se mestres do Zen, cada qual estendendo a mão para romper os apegos enviesados dos iludidos, transcender a dualidade entre doutrinas e Zen e conduzir ao fundamento primordial.

Portanto, a intenção básica dos verdadeiros mestres doutrinários não está nas doutrinas, e a intenção básica dos mestres Zen de visão clara não

está no Zen. As diferenças no que dizem devem-se à variedade de métodos usados para "chamar a criada".

Nas épocas posteriores, estudantes do Zen e das doutrinas que colocaram os apegos enviesados em primeiro lugar afundaram-se no mar da afirmação e da negação, obscurecendo o significado original de Buda e dos fundadores do Zen.

No Sutra on Settling Doubts about Imitation Teaching lê-se:

"O literalismo é o inimigo dos Budas do passado, presente e futuro."

Mestres genuínos de visão clara não possuem dogmas pré-embalados armazenados no peito; simplesmente falam segundo o potencial da situação, sem slogans fixos.

Quando as pessoas perguntam sobre Zen, os mestres podem responder com ditos de Confucius ou Mencius, ou de Lao-tzu ou Chuang-tzu; por vezes podem responder com ensinamentos das escolas doutrinárias do Budismo. Às vezes usam provérbios para responder, às vezes usam objetos à mão. Os métodos dos mestres chamam-se o jogo vivo do Zen; não podem ser julgados pelos sentimentos e perceções daqueles que não alcançaram esse estado.

Budismo da Terra Pura

Entre mestres das várias escolas do Budismo, incluindo o Zen, existiram aqueles que encorajaram a prática da Terra Pura de entoar o nome do Buda da Luz Infinita. Alguns tipos de ensinamento e prática da Terra Pura são elementares e incompletos, mas isso é uma questão de perspetiva.

O Nirvana Sutra diz:

"Palavras grosseiras e discurso refinado acabam ambos na verdade última."

O Lotus Sutra diz:

"O trabalho produtivo e os negócios não contravêm o carácter da realidade."

Quando despertaste para o princípio do Grande Veículo, então toda fala no mundo, toda atividade, é o Grande Veículo do Significado Perfeito;

portanto, a recitação do nome de um Buda dificilmente poderia ser chamada veículo inferior.

Os mestres que estabeleceram o Budismo da Terra Pura compreenderam o profundo princípio do Grande Veículo nas suas próprias mentes, mas distinguiram temporariamente a Terra Pura da terra impura para guiar pessoas ignorantes, estabelecendo distinção entre poder próprio e poder do Outro. Eles próprios não eram ignorantes; estes ensinamentos são expedientes compassivos de seres iluminados.

Entre os crentes da Terra Pura, contudo, existem aqueles que invocam o nome do Buda com a noção de existir uma Terra Pura fora desta terra impura. Isso não pode ser chamado o Grande Veículo do Significado Perfeito.

Embora existam ensinamentos incompletos nos próprios discursos de Buda, eles são expedientes de orientação, portanto não devem ser considerados inúteis. A razão pela qual certos sutras parecem desprezar ensinamentos incompletos é fazer as pessoas saberem que a intenção fundamental de Buda está nos ensinamentos completos.

Existe também um ensinamento secreto da invocação de Buda na escola Shingon (Mantra), que não é igual à interpretação dos budistas da Terra Pura. Praticantes Zen também recitam nomes de Budas, mas o foco da sua atenção é diferente do dos praticantes comuns de invocação.

Não existe forma fixa de prática no Zen. O costume de recitar certos encantamentos é desenvolvimento recente. Também não existe ícone fixo; as pessoas recitam nomes sagrados conforme a imagem usada para focalizar a atenção.

Alguns crentes do Zen pensam que o Budismo da Terra Pura é um veículo inferior e consideram praticantes da recordação de Buda pessoas ignorantes. Assim rejeitam completamente a prática da Terra Pura; mas isso ocorre realmente porque não compreendem o ensinamento Zen de que a sua mensagem está em todos.

O Sutra on Consideration of Benefit diz:

“Ouvindo o ensinamento do Grande Veículo, há aqueles que não acreditam nele e o rejeitam. Isto é como um ignorante tomar antipatia ao próprio espaço e tentar sair dele. Um observador que tem pena do ignorante

e tenta chamá-lo de volta ao espaço também é um ignorante. Assim também é aquele que se compadece daqueles que abandonaram o Grande Veículo e tenta levá-los para dentro dele."

Especialização

Pessoas que realmente acreditam no Zen sabem que todas as ações e atividades não são senão Zen, por isso às vezes praticam a recordação de Buda e leem sutras e encantamentos. A prática da Terra Pura feita neste espírito é adequada também para praticantes Zen, mas aqueles seguidores da Terra Pura que pensam que entoar o nome de um Buda é a única prática correta contrariam o verdadeiro princípio do Grande Veículo.

De modo semelhante, zennistas que pensam que zazen é a única prática correta também estão enganados. Contudo, pode ser útil para iniciantes concentrarem-se numa prática com exclusão das outras, mas apenas como medida temporária.

Louvor Zen, Censura Zen

Mestres Zen de visão clara podem por vezes elogiar antigos mestres e por vezes culpá-los. Isto não é realmente dirigido aos antigos mestres; é antes uma técnica empregada para benefício do aprendiz.

Um antigo disse:

"Não sois diferentes dos Budas e mestres Zen."

Para pessoas de visão clara não existe Buddhahood ou maestria para venerar, nem ordinariedade para desprezar. Contudo, usam todos os tipos de métodos para ajudar as pessoas a realmente alcançar esse fundamento primordial onde não há divisão entre pessoa comum e sábio. Às vezes elogiam, às vezes censuram, mas a sua intenção não está no elogio nem na censura.

Estudantes ignorantes que não sabem isto seguem as palavras literalmente e ficam felizes quando elogiados e zangados ou culpados quando censurados.

Aqueles que afirmam ser mestres podem falar da não-divisão entre pessoa comum e sábio sem terem realmente alcançado esse estado; então elogiam e censuram baseados em visões dogmáticas das aparências de certo e errado nos estudantes.

O Sutra of Complete Enlightenment diz:

"Pessoas que estudam iluminação na era degenerada podem obter um pequeno grau de realização sem terem eliminado a raiz da imagem do eu; portanto gostam das pessoas que acreditam na sua doutrina e ressentem-se das pessoas que a criticam."

Agudeza e Lentidão

Embora se possa dizer, do ponto de vista Zen, que não existe diferença entre o mortal comum e o sábio, ainda assim fazem-se distinções entre aqueles de faculdades agudas e aqueles de faculdades lentas, entre mestres percetivos e mestres não percetivos. Estas distinções não são feitas segundo argumentos convencionais, mas baseiam-se no ponto de vista Zen.

Aqueles que não acreditam não serem diferentes dos Budas mesmo depois de compreenderem todos os ensinamentos são chamados de faculdades lentas. Isto não significa, contudo, que exista realmente algo como uma pessoa ignorante totalmente alienada da iluminação.

Aqueles que se consideram mais iluminados do que os outros e se estabelecem como mestres baseados em apego ao ego e apego religioso são chamados mestres não percetivos. Isto não significa, contudo, que existam pessoas fundamentalmente estúpidas e intrinsecamente inferiores aos mestres percetivos.

Estes ensinamentos não são suscetíveis de compreensão pelos sentidos sentimentais ou intelectuais; apenas são conhecidos por aqueles que alcançam este estado.

Meditação Zen

A meditação é praticada tanto em escolas budistas como não-budistas. A experiência dos reinos da forma pura e da ausência de forma provém do poder da concentração meditativa; cultistas cultivam-nos como fim último.

A palavra zen originalmente significava "meditação", mas isto não se refere ao cultivo das práticas meditativas de outras escolas. Porque a prática — se não a teoria — da meditação se tornou rara noutras escolas, as pessoas passaram a pensar nela como especialidade do Zen.

O Lankavatara Sutra expõe quatro tipos de meditação.

Primeiro está a meditação praticada por ignorantes, pessoas comuns e cultistas que pensam que concentração meditativa significa não produzir pensamentos nem dar origem à discriminação.

Segundo está a meditação que examina características e significados, em que budistas de graus elementares e intermédios de realização examinam e contemplam os princípios dos ensinamentos.

Terceiro está o Zen focado na realidade tal-como-é, onde budistas avançados permanecem na realidade da Via Média no seu verdadeiro aspeto, prática subtil que não requer esforço.

Quarto está a meditação pura proveniente da talidade, onde se entra no estado da realização da talidade e emerge conhecimento superior autorrealizado.

Julgar Mestres e Ensinamentos

Existem muitos falsos ensinamentos atuais confundindo o Budismo autêntico. Nos desportos e jogos existem critérios formalmente estabelecidos de vitória e derrota, portanto não existe confusão ao julgá-los. Em disputas civis e criminais pode ser difícil determinar certo e errado, mas elas podem ser resolvidas apelando a autoridades superiores.

O Budismo, em contraste, não possui vitória ou derrota predeterminadas. As pessoas pensam todas, baseadas no que individualmente compreenderam, que a doutrina que seguem é a melhor, mesmo que outros não concordem.

Não existe autoridade para a qual apelar; embora as provas que apresentam possam ser palavras de Buda e mestres Zen, como a interpretação da literatura muda conforme as visões que as pessoas sustentam, isso não basta como base de prova. As pessoas também tomam a aprovação dos mestres em quem acreditam como prova, mas o testemunho de parte interessada não é confiável.

De qualquer modo, pessoas não iluminadas pensam que as crenças que imaginam verdadeiras são fundamentais; assim, quando passam a acreditar em qualquer doutrina de qualquer escola, rejeitam todas as outras escolas. Quando passam a acreditar em alguém como seu guru, algumas pessoas pensam que a doutrina de todos os outros é inferior e até recusam ouvir qualquer outra coisa. Tais pessoas são os mais estúpidos dos imbecis.

Também existem aqueles que permanecem hesitantes e indecisos porque os ensinamentos de várias escolas e mestres diferem.

Os alimentos possuem muitos sabores; qual deles poderia definir-se como o sabor quintessencial? Como as constituições das pessoas diferem, também diferem os seus gostos. Algumas gostam de doces, outras de comidas picantes. Se dissesses que o sabor de que gostas é o sabor quintessencial e os restantes são inúteis, serias um imbecil.

Assim também é com os ensinamentos budistas: porque as inclinações naturais das pessoas diferem, pode acontecer que um determinado ensinamento seja especialmente valioso para um indivíduo específico, mas torna-se falso se alguém se apega a ele como verdade única e exclusiva, excluindo todos os outros ensinamentos.

O Lotus Sutra diz:

"O monarca espiritual que rompeu através da existência emergiu no mundo ensinando de várias maneiras segundo as naturezas e inclinações das pessoas."

Devemos perceber que as várias doutrinas e métodos ensinados por Buda foram provisoriamente expostos em conformidade com as naturezas e inclinações confusas e iludidas das pessoas.

Quanto àqueles que se voltam diretamente para o fundamental que é anterior à divisão entre pessoas comuns e Budas, mesmo que ouçam todo o tipo de doutrinas, porque perturbariam as suas mentes com julgamentos de superioridade e inferioridade?

Um antigo disse:

"A razão pela qual os Budas expuseram todos os ensinamentos foi libertar todas as mentes. Como eu não tenho mente alguma, para que precisaria de qualquer dos ensinamentos?"